

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MAIO DE 1901

N.º 56

O Palacio do Marquez da Foz



Escada principal

O LEILÃO DO PALACIO FOX

Ha muitos annos que em Lisboa se não dava, no ambito de impressões propriamente mundanas e artisticas, um facto que com tamanha vibração de interesse abalasse a opinião, como agora a dispersão aos quatro ventos do acaso, d'esse admiravel repositório de preciosidades accumuladas no palacio do sr. marquez da Foz.

De muito tempo a esta hora essa pinacotheca magnifica de incanteáveis maravilhas. Avolumada ao esprecho da imaginativa de cada um a suggestão do phantástico palacio, transmittida vagamente nos dizeres dos raros que o tinham visto, accotencia assim que vinha um estranho ar de lenda exaggerar-lhe os primores e encarecer a importancia d'esse alfobre resplendente de obras primas. Portanto, a facilidade relativa que agora houve em visital-o, a todos agouros o interesse. Cada novo que, depois d'esse extaziado exame, vinha cá para fora contar o deslumbramento do seu espirito, excitava outros tantos desejos, avivava ignoradas fontes de sensibilidade artistica n'este nosso publico desprevidamente e inerte. Por este modo, successiva e avidamente, todos demandaram bilhete de admissão, todos queriam ir ver. E o conhecimento das inumeras riquezas e primores do palacio Fox democratizou-se, fornecendo assim, a este epilogo da sua existencia epemera, um largo e atraente ensinamento, uma fecundissima lição de bom gosto, elegancia e arte.

Pois ainda que mais nenhuma outra razão houvesse para a sua existencia, para a sua pacientissima e intelligente organisação, esta só bastaria a justifica-la, a abençoal-a.

E o resultado da lição foi que toda a cidade, — não só os espiritos cultos, os gulosos do arte, os intellectuaes, os refinados e os eruditos, mas todos quantos apprehenderam apenas de instincto quanta portentosa somma de motivos para gozo espirital e de elementos de civilisação ali andava condensada, — todos sentiram vivissimamente, com essa commoção tão intensa de prazer espiritalizado, a dolorosa tristeza de o perder. Uns pelo conhecimento aproximado de quanto valia, como documento historico e repositório de aspectos de arte, o celebre palacio da praça dos Restauradores; outros apenas pelo espontaneo prazer em que aquella deslumbrante harmonia de tons e de linhas lhes embalsamava a alma; o certo é que todos unanimemente soltaram o seu protesto de platónica indignação, um coro de autepadã saudade pela breve, pela irrefragavel dispersão d'um dos mais avultados e bellos quinhões do patrimonio esthetico d'um povo.

Não são, com effeito, frequentes, nem vulgares na historia das nações as formações de requintados eruditos de arte e elegancia como era este do sr. marquez da Foz. Para se ter o conceito de os saber combinar, e de talento seleccionador, d'uma organisação muito complexa e muito especial. Hade ser-se um Cresco debruado d'um Médico; hade ser-se ao mesmo tempo maganinho e estheta, erudito e millionario. A sua transcendente laboração requer, em quem a intende, o mais absoluto enfaticamente aos dominios da pura arte. Só o conseguem esses paranoicos moraes, esses incorrigíveis sybaritas para quem a objectivação do gozo é tudo, e alheados do travamento dos negocios, da engrenagem pratica do mundo, perdidos como andam sempre, levados na aza da phantasia, pelas distantes regiões do sonho.

No nosso paiz ultimamente, contam-se dois apenas d'esses loucos benemeritos. Um foi o conde de Foz, o outro foi agora o sr. marquez da Foz. O povo chama-lhes soidados, a raa banalidade do sentimento colectivo commenta por uma piedosa sublinha de desdenho a evidenciação ostentosa dos seus actos; mas quando elles faltam, quando o seu rendado edificio de primores e maravilhas, falho de base ou de continuidade, alua e se apaga, depois de haver tido a instantanea duração d'um conto das *Mé e os seus filhos*, então todos bradam em grita, todos d'ela deploram «a desgraça», todos instantaneamente e clamam, a um atropello de multidão que o sol deixasse de repente as escuras, e cada um na sua esphera de acção se insurge contra essa «verdadeira perda nacional».

Deu-se esse facto agora, entre nós, com significativa intensidade, e com sobrada razão, havemos de convir. Se o desfazimento, para fins industriales, de residencias como o palacio do sr. marquez da Foz, em qualquer nação civilizada seria deploravel, em Portugal chega a attingar as proporções d'uma pura calamidade. Porque em Lisboa os edificios de caracter monumental não d'uma escassa vezgonhos, desesparante. Em palacios quasi não ha nada que extremar. Alguma coisa que havia bo no genero, foi destruida pelo terremoto; e o que depois d'este se fez, ficou como padrinho mesquinho d'um seculo por excellencia inesthetico, a poder de fanatismo, rascocismo e terror. Ali estão ainda hoje a attestal-o, incrustados nos beirões velhos da cidade, varios casarões banais sem grandeza architectonica, sem magestade, sem elegancia ou

arte. São conventos com saccadas, com um portão armorado, — e nada mais. Isto pelo que respeita á construcção particular. Nos paços reaes, a mesma penuria. Tiram Queluz, uma linda tentativa em pouco mais do que embryo, e vejam o que fica. A Ajuda, dentro do seu risco banal, tinha magestade; mas nunca mais se pensou na sua conservação. E o resto, — as Necessidades, Belton, a Bemposta, — eram tudo quanto pôde haver de mais comensal e burguez.

Ora comprehende-se como, em meio d'esta sensível penuria de construcções monumentaes, elemento indispensavel ao aforneçoamento da cidade e ao afaçamento intellectual das massas, o palacio Fox tinha um logar á parte, d'um relevo bem evidenciado e d'uma decisiva importancia. Elle era aqui o primeiro, o unico no genero. Com a sua fachada heteroclitica e pesada, feita em sobreposições nem sempre harmonicas, sem estylo definido, tinha entretanto caracter. Accusava sobriedade, solidéz, uma intelligente convergencia de esforços para o afaçamento commum. O seu aspecto, cheio de individualidade, distinguia-se de todas as mais edificacões congeneres, e impunha-se por isso ao nosso franco agrado, apesar das suas tendencias gongoricas. Que admira, pois, que um frémito de penível alvoroço percorra toda a cidade, abalada pela ameaça de vir em breve substituída essa rica profusão de cantarias lavradas por alienvarias de caserna!

Que isto é só pelo que respeita ao exterior. A verdadeira, a grande riqueza em relação ao espolio artistico portuguez estava lá dentro; está a ser, dia a dia, implacavelmente dispersa pela vultuosa mercaderia d'um leilão qualquer... Havia ali, trazidas com ardente paixão de todos os confins do mundo, amostras preciosas de quanto de melhor tem sabido crear a arte de todos os tempos; e havia a lição, a evidenciação pratica, a formula contemporanea d'uma das manifestações de arte que com mais brilhantismo e unidade se tem conservado tradicionalmente no nosso paiz. Refiro-me, claro, á arte de mareceiro e entalhador.

Parallela com a ourivesaria, a marecenaria data, em Portugal, do periodo baixo gothico, introduzida entre nós segundo os modelos flamengos, para logo receber uma grande transformação e assumir feição sua propria, durante o periodo aureo da nossa expansão colonial. Então os nossos formadores, sambaladores e calafates, tão peritos em tudo quanto se relacionasse com as obras nauticas, vão colher ao Oriente a noção da delicadeza; assimilam os embriamentos estontadores dos pagodes, as sinuosagens e volutas dos contadores, as infinitas combinações das tapeçarias, a rutilação das joias; e fortes com essa assimilação, enriquecidos por uma variedade, tão inimigada como suggestiva, de madeiras dueteis e polychromas, eriam então pela imaginação e completam pela prodigiosa habilidade manual, uma industria nova, de que tanto exemplo maravilhosos possuímos ainda no paiz e de que se pagam lá fora a peso de ouro os melhores specimens.

Passado o cyclo épico das conquistas, e durante a dominação hespanhola, a nossa industria de marecenaria collheu-se vexada, peida por varias sortes de contratempos, ao interior dos mosteiros e cathedraes, appropriou-se os caruados refolhamentos da Renascença, e tornou-se então quasi exclusivamente uma arte religiosa. E ali, no esquecimento na sombra, o seu deperimento começou gradualmente a accentuar-se, esminhou depressa.

No começo de seculo passado quasi não tinhamos um entalhador. Apenas, com especialidade ao norte, um ou outro artista ignorado continuava de instincto, com espontaneos chinezismos de raa, aquella tradição. Foi assim no Porto, em alguns trabalhos da Bolsa. Apareceu então Leandro Braga, um espirito extraordinario, tanto culturalmente como de sua natureza intima um dos mais poderosos, imaginativos e originaes artistas que Portugal tem produzido.

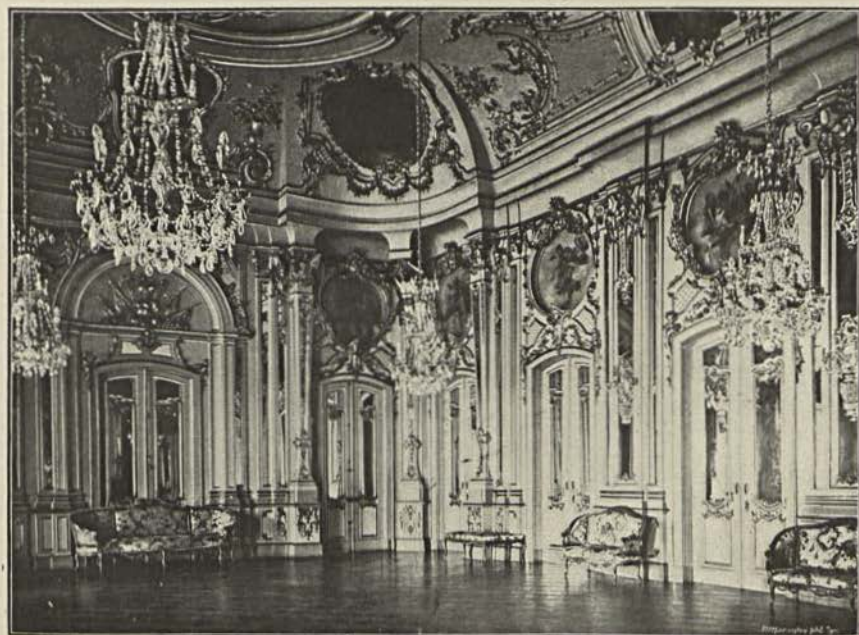
Este homem singular, ao mesmo tempo tão bondoso e tão rude, com um olhar muito claro afanando o seu largo arcoabóio de artifice, inexpressivo e banal, operou na arte portugueza, dentro dos trabalhos de marecenaria, entalhadura e taurinamento artistico, uma revolução em nada inferior á que os srs. Leitão e Trmão operaram, por exemplo, na renovação da filigrana, e ao que Silva Porto impulsionou na pintura. Dou á arte do trabalho em madeira logica, intenção, caracter. Cada peça forneida, lavrada, desenhada, fendida, aberta segundo o seu destino. Foi verdadeiramente o iniciador d'uma escola; e tão exímio creador, como executor. Com a goiva e o formão nas mãos, alle obteve o que o summo realec e primor ás opulencias visionárias da sua phantasia. E foi no palacio do sr. marquez da Foz que Leandro Braga mais demorada e amorosamente trabalhou; ali está a sua obra prima; ficaram ali gloriosamente assignalados uma infinidade de manifestações, qual d'ellas a mais rica e a mais bella, os grandes predicaos do seu genio



Allegoria representando a descoberta do desenho



Sala da Bibliotheca



Salão de baile

evocativo e pratico. Já, na fachada principal, o plano do acabamento, a balaustrada superior, mansardas, fusos e pinhões que coram o entablamento, são obra d'elle. Mas é tempo de procurar dar, muito sumariamente que seja, uma idéa do aspecto geral das principaes salas do palacio, bem como das obras de arte que as adornavam.

Entraremos, naturalmente, pela escada.

Não é ella um modelo de unidade e harmonia. Resente-se, como, de resto, todo o palacio, da adaptação do seu *facies* actual ao arcaico antigo. Mas assim mesmo eclectica como é, constitue a mais bella, a mais rica, imponente e graciosa escadaria das residencias senhoriaes de Portugal. Rasgada a seguir a um grande portão todo em vitraes, á esquerda do vestibulo, elle desenhia-se, antecediida por duas columnas monumentaes de porphyro, em dois lanços que attingem o andar nobre; e ahi é rodeada por uma larga galeria, com balcões engradados bojando no centro; e á frente dos muros ha pares de columnas compostas engradando espelhos rectangulares, com tapeçarias e quadros de preço. Nada menos, entre outros, que dois magníficos painos com as armas dos Montmorency, tecidos segundo cartões de Charles Lebrun, e uma tifa d'este mesmo notavel compositor. Pleno *estyllo* Luiz XIV, portanto, cuja entrada triumphal em Paris esse quadro representa. E é também da época de Luiz XIV a grande lanterna de bronze dourado e cizelado que pende da abobada, copiada da celebre lanterna da entrada da capella de Versailles.

O bello grupo classico que na gravura se vê á frente da escadaria, destacando sobre o marmore, escaqueado a branco e negro, do pavimento, é em marmore de Carrara. Representa *Eneas salvando seu paes Aschinas e seu filho Ascanio*, e é obra — adivinha-se pela anatomia dos torcos, pelo vigor exuberante da modelação, — da época de Luiz XV, devida ao cizel celebre de Puget. Mas tanto no atrio, como na galeria, como nos patamares intermedios, abundam as obras de arte, em esculturas, baixo-relevos, mobiliario, quadros: preciosissimos tamborites e bancos de espaldar, da época do nosso D. João V, em nogueira entalhada, cobertos de ouro, illuminado e dourado; tamborites de porcelana, oitavados, do seculo xviii; outros do mais accentuado Luiz XIV; um grande grupo em bronze, que foi fundido *à la cire perdue*, processo que não permite a reprodução, o qual representa *Anibal hesitando com uma aguija* e é obra do celebre escultor d'Epinau; um outro busto colossal, em marmore italiano polychromo, figurando *Nero*, etc., etc.

Só aqui vê o leitor que tinha muito que admirar. Porém de toda a escada o trecho mais reputado e mais celebre é a grade, o corrimão e os balcões da galeria. Não ha senão uma outra escada parecida, hoje, em toda a Europa, que é a da entrada da celebre residencia dos duques de Luynes. Estes soberbos trabalhos de *fonterie* artistica foram executados pela casa Moreau, de Paris, no mesmo genero da grade da es-

cada de Chantilly. E logo desistiu de os continuar, pelo esforço e despezas enorme que demandavam a razão pela qual são quasi peças unicas no genero as que ornantam o palacio do sr. marquez da Foz.

São estes paines, recortados em alto relevo, todos feitos de ferro forjado, bronze dourado e aço; e já começa a maravilhar-nos a acertada e fina combinação dos diferentes metaes, de modo a darem o mais grandioso e rico effeito. Mas o acabamento, o esmero de cada uma das peças, a nitidez dos ornatos, o maço da cizeladura, o ajuste dos contactos, a voluptuosa fluidez das curvas, asombram-nos igualmente; e asombram-nos por uma maneira que só tem derivação no reavivamento de intensidade que a nossa deliciada admiração attinge, quando notamos a espontaneidade, a harmonia, a opulencia, a graça sem par do seu desenho; quando contemplamos a forma exuberante como aquella ronda aristocratica e pagã de folhagens e volutas se desprende dos medalhões do centro, até ir, em echeocheiras de arte, jorrar em baixo na formosissima cornueopia do ultimo lanço.

Logo de entrada empolgado por tão estheniadora impressão, o visitante encontra no de cima da escada, na sua frente, uma porta deante da qual pende um rico reposteiro de velluto vermelho, com o brazão da casa bordado a torçal, *estyllo* D. João V. Ergue-o e entra na sala de espera — severa e simples. O tom enegreado das *biberries* que quasi totalmente a forram, imprime-lhe um grande caracter de austeridade, a qual tempera aqui muito a proposito, no adito do magnifico templo de arte, o garridismo perturbador da escadaria.

E' uma sala esguia e pequena, de altos tetos profundos. Toma-lhe boa porção d'uma das faces um riquissimo fogão de mosaico florentino, com o entablamento, que vai até junto ao tecto, sustentado por duas grandes figuras de madeira, notavel trabalho de esculptura de Corvex, o celebre auctor do tumulo de Colbert. Em torno, um alto rodapé de carvalho antigo, *estyllo* Henrique II, com toda a inverosimil miniaturação de entalhado que lhe é propria, restaurado em parte por Leandro Braga. E de Leandro Braga é também o forro de todo o tecto, de carvalho, em escaixões de moldura polygonal no mesmo genero do fogão e do *lambria*. A decoração d'esta sala é muito sóbria. Alguns *bibedots* apenas de preço, sobre o rebordo do *lambria*; dois quadros a oleo, do seculo xvii, um dos quaes, assignado Mignard, representa a rainha *Maria Theresa*, mulher de Luiz XIV; dois grandes contadores indians em forma de pyramide, de pau santo, ébano e teca, embutidos, guardados de metaes dourados; e entre elles um terceiro, em forma de arca, repousando sobre elephantes. E pouco mais.

A seguir, no mesmo alinhamento, a sala de baile. Que deslumbramento de decoração, que soberbo êlançe de riseo, que impecavel harmonia de conjunto! Branco, ouro e crystal. Parece polvilhada de lanfejoulas. O desenho d'este salão, verdadeiramente real, sabem, foi de Meissonier, e a sua execução esculpulosamente dirigida por Leandro Braga. De nada mais preciosa para ficar celebre. Mas tem ainda que as pinturas dos grandes medalhões e espelhos das sobreportas são obras



Sala Luiz XVI



Sala de bilhar

originaes de Colombano; mas taoto esses espelhos e medallhões como toda a ornifia e o encabeçamento das pilastras que dividem as portas, revestidas por espelhos reflectindo jivialmente as coisas, são de madeira ricamente entalhada e dourada; os quatro grandes lustres são de crystal e bronze, puro estylo Luiz XVI; e de equal estylo são taombem as placas das paredes, bem como os magníficos sofás e bancos que se alinham em volta, todos de madeira finamente entalhada e dourada, estofados e cobertos de seda branca, tecida a velludo e matiz.

A sala Luiz XVI, que encontramos a seguir a esta, e deitando taombem para a praça dos Restauradores, é igualmente preciosa, igualmente um eucanto. Superior talvez ás anteriores na sua absoluta harmonia, na inapeceabilidade eurythmica do seu estylo. Dá-nos uma confortante sensação de repouso; tem um caracter íntimo, uma ordenada e classica simplicidade que o nosso espirito, desconcertado já por quanto anteriormente virá, comprehende e aceita agradecido. É riquissima. Sem falar na sua mobilia, toda selecta e a caracter, no atticismo e propriedade das tapeçarias, na perfeição dos estyques, no revestimento de seda das paredes, bastar-me ha eitar, como raridade e primor artistico: a grande estatua em biscuit de Sèvres, de tamanho natural, representando *Ophelia*, a qual, em puro estylo Luiz XVI, é obra do insigne estatuario Clodion e uma das maiores peças que se tem conseguido obter em Sèvres; o pequeno grupo, em biscuit taombem, de Capo di Monti, o qual pertence ao ultimo rei de Naples e representa a rainha *Maria Antonietta* mostrando a seus filhos, o rei Fernando de Naples e a rainha D. Maria Carolina, o projecto da estatua equestre do rei Carlos III, fundador da fabrica de Capo di Monti; a grande tela com o retrato do imperador d'Austria, irmão da rainha Maria Antonietta, ainda enquadrada na sua moldura primitiva, uma peça monumental em madeira de carvalho, de Delafosse; e mais alguns quadros historicos, riquissimos lustres, placas, serpentinas de crystal e bronzes; uma colleção preciosissima de velhas porcelanas de Saxe, India, Japão e fianças de Pizaro; um fogão em marmore e bronze, com relogio; uma nuca aearbar, enfim. Esta inolvidavel sala é assim, conjunctamente, uma fecunda lição de arte e uma completa pagina de historia.

O seu tecto, assim como o da sala de baile, são obra do pincel de Veneziá. E pensar a gente que tudo isto, de hoje para amanhã, va acabar!

Entremos agora na bibliotheca. Voltamos á Renascença. Reencontramos os tons severos, lisos e tios sobres, que dá a predominancia das boiseries de prey. Empolgam-nos logo violentamente a attenção duas grandes e magníficas telas, que vão dos baixos frisos, de carvalho entalhado, das estantes até ao tecto, e representam um vendedor de peixe e uma vendedeira de legumes. São dos mais notaveis trabalhos do celebre pinior Hamengo F. Sneyders. Outro bem reputado pintor da mesma epocha, Scipião Pulzone, favorito dos Médicis, a quem os contemporaneos chamavam o Van-Dyck italiano, assigna um grande retrato, a oleo, d'uma dama de honor de Catharina de Médicis. O lustre, em cobre amarello, é um magnifico trabalho francez do seculo XVI. Admi-

ram-se taqui taombem umas pequenas figuras, em marmore de Paros, obra de Bertos, o mestre de Miguel Angelo. A chaminé, o rodapé e duas portas grandes, tudo em magnifica obra de talha, de carvalho antigo, foram levantados d'uma antiga casa senhorial da Flandres franceza. E o tecto, — só o que isto vale! — em 63 caixotes, alternadamente convexos e concavos, em alto relevo, e com um friso composto por 32 motivos, tudo taombem de carvalho antigo, é nada menos que o tecto da antiga *Sala dos Reis* do nosso convento dos Jeronymos. Aonde irá ella agora parar?...

Mas o artigo vae longo, e o leitor que haja tido a paciencia de o seguir, deve sentir-se fatigado só com a rapidissima enunciação de tantas maravilhas. Ficará pois o resto para um segundo artigo. Entretanto, só do incompletissimo esboço acima, creio que resalta já bem evidente a justeza das considerações com que o abri.

O palacio Foz era o mais completo, o mais rico e interessante museu de arte de Portugal. Tarde, só muito tarde virá, se é que virá... algum outro linceo visionario, capaz de renovar um deslumbramento equal. Por isso ha sobrada razão para que todos deplorem a dispersão d'esse sacratissimo tabernaculo de coisas bellas e espiritualmente uteis, bem legitima obra do mesmo arrojado e insaciado artista, do mesmo allucinado e espienoso sonhador que imaginou o inolvidavel baile no palacio das Chagas, com musica invisivel, refrangencias phantasticas de luz e velas crepitando em essencias perfumadas.

ARIEL BOTELHO.



O successo no theatro tem o condão de em tres horas fazer d'um desconhecido um homem celebre.

VICTORINE SARDOU.

Em geral soffre-se mais pela perda d'uma illusão do que pela d'uma realidade.

Quando digo bem dos homens é de mim que falo, quando digo mal é nos outros que penso.

Reacceder um amor extinto é como reacceder um cigarro; o amor envenena-se como o tabaco.

GABRIEL D'ANJUZIO.

A felicidade consiste em pôr o coração do lado do dever.

OCTAVE FEUILLET.

S aos ingleses tem sido difficil dominar a resistencia dos boers, sobretudo agora que essa resistencia tomou a fórma de guerra de guerrilhas, não tem sido mais facil aos americanos impôr-se, quer em Cuba, quer nas Filipinas, de modo a fazerem aceitar a sua soberania.

Em Cuba accentuam-se cada vez mais as hostilidades contra os Estados-Unidos. Por um lado os cubanos, a quem os politicos de Washington prometteram a independencia nas vésperas da guerra para cobromos o rompimento com a Hespanha, tomaram a serio a promessa, e da nova constituição elaborada pela convenção de Havana trataram de eliminar tudo quanto podesse significar qualquer fórma de suzerania exercida pelos Estados-Unidos. Por outro lado o senado americano não desiste do seu proposito de estabelecer uma especie de protectorado sobre a ilha. D'aqui a opposição cubana, que se não sabe até onde poderá chegar.

A convenção constituinte da Havana deliberou em sessão secreta enviar a Washington uma delegação de cinco membros, para conferenciar com Mac-Kinley sobre o regimen a estabelecer em Cuba, visto esta assembléa ter rejeitado a emenda Platt, aprovada pelo senado americano.

Noticias, porém, de New-York deixam antever a possibilidade de a comissão não ser recebida pelo presidente, o qual, no dizer da imprensa americana, sendo solidario com a votação do senado, não pôde «prestar ouvidos aos intrigantes que dirigem a convenção de Havana (sic)». Como se vê, o tom da polêmica começa a assumir um caracter sobremarcha serio, que chega mesmo a ser grave se o confrontarmos com a attitude intransigente dos principes checos cubanos. Um d'elles, e dos mais considerados, Juan Gomez, acaba, com effeito, de pronunciar n'um *meeting* entre freneticos applausos as seguintes palavras, que causaram uma profunda sensação em Washington: «Os cubanos prefeririam ser antes governados pela Hespanha do que pelos Estados-Unidos. Cuba recommençará a guerra da independencia para não se submeter a um governo hypocrita que, fingindo conceder-lhe uma independencia nominal, quer roubar-lhe a autonomia, pela qual tanto sangue se derramou.»

Se do lado de Cuba os ventos não correm propicios para os americanos, não lhes são mais favoráveis da banda das Filipinas.

Suppoz-se no primeiro momento que a prisão de Aguinaldo poria immediatamente termo á guerra. No entanto as suspeitas, que aqui n'esta mesma Revista formámos ao noticiarmos o aprisionamento do caudillo tagalo, estão em vésperas de se confirmarem. Apesar dos desmentidos de Hong-Kong, parece fóra de duvida que o governo philippino, depois de ter protestado perante todas as nações contra a «infame traição» de que foi victima o seu chefe, lhe deu como successor o general Sandiko, o qual foi proclamado chefe do exercito nacional e dictator.

O general Sandiko pertence a uma das familias mais distinctas da cidade de Pandacan. Passa por ser homem energico e muito instruido. Fala as principaes linguas européias e conhece intimamente a civilização da Europa, cujas principaes capitais percorreu para completar a sua educação.

E' um adversario com que os americanos devem de hoje em diante contar. O futuro se encarregará de evidenciar se elle possui entre os seus o mesmo prestigio, de que gozaram primeiramente o dr. Rizal e depois Aguinaldo.

A proposito do futuro consistorio papal, o correspondente de Vienna para o *Times* envia a este jornal interessantes pormenores, que decerto hão de despertar a attenção das nações catholicas, e ainda das que não o sendo oficialmente, como a Alemanha, a Inglaterra e os Estados-Unidos, tem no seu seio uma forte minoria adstricta á politica de Roma.

A eleição mais característica da nova remião ha de consistir provavelmente na criação de um numero de cardeais até hoje sem precedente, fazendo o proximo Sacro Collegio numericamente muito mais importante do que todos os anteriores. Além d'isso, e este segundo ponto constituirá outra feição dominante do futuro consistorio, o numero dos novos cardeais italianos excederá muito o dos concedidos ás outras nações catholicas, ficando a maioria para as vo-tações absolutamente assegurada em qualquer caso á Italia. N'estes termos, e não podendo segundo todas as probabilidades demorar-se muito a morte do actual pontífice, é mais do que provavel que o futuro papa seja um italiano. Desde o tempo de Adriano VI — um inglez contemporaneo de Henrique VIII — nunca mais a throna deixou de pertencer a esta nacionalidade, e por isso um estribillo corrente em Roma afirma que a partir do seculo xvi nunca mais o Espírito Santo tornou a passar os Alpes.

A eleição do novo papa começa a preoccupar os diferentes governos, não tanto pela quasi certeza de que elle será italiano, como pela côr politica que o ha de caracterizar, visto como a enorme maioria do conclave é abertamente ultramontana. E' n'este ponto que está o verdadeiro perigo para a tranquillidade do mundo christão.

Os cardeais moderados, de feição mais liberal, representam uma infima minoria. Italianos quasi que os não ha. São todos elles ferrenhos reaccionarios. E' verdade que os austro-hungaros, assim como os allemães, podem considerar-se de opiniões conciliadoras; mas em compensação, os francezes e os Hespanhoes são ultramontanos na sua maior parte.

E' o ex-secretario de estado de Leão XIII, o cardeal Rampolla, quem dirige a campanha, e suppõe-se com boas razões que a dirige

em seu proprio proveito. O facto de elle ter pedido a demissão do alto cargo que exercia na côrte pontificia, mas que pelo uso é incompativel com a posição de candidato á throna, parece confirmar esta supposição.

Para que o cardeal Rampolla possa assegurar para si a successão de Leão XIII não basta, porém, que conte com a maioria do Sacro Collegio. Necessita captar tambem a acquiescencia das quatro nações catholicas, que tem o direito de se oppor á sua eleição. E' sabido, com effeito, que a França, a Hespanha, a Austria-Hungria e Portugal possuem o «direito de veto», isto é a facultade de excluir da eleição em cada conclave um cardeal.

Este direito pôde ser apenas exercido uma vez e a respeito de um cardeal. Em regra o Sacro Collegio, antes de reunir em conclave, é informado pela potencia, que deseja exercer o veto, de que um determinado candidato deve ser retirado.

Qual será na actual conjectura a attitude das quatro nações privilegiadas? Não o sabemos, mas parece-nos que lhes sobram motivos para se opporem á eleição do cardeal Rampolla. A propria França, apesar do ex-secretario d'Estado de Leão XIII ser o autor da politica de reconciliação do Vaticano com a terceira republica, não parece ser-lhe muito favoravel. De modo que esta candidatura pôde considerar-se prejudicada. . . se alguma das quatro nações com o direito de veto o quizer. Mas o afastamento do cardeal Rampolla do throno pontificio não significará que a sua politica não triumphe. Pelo contrario. Dada a actual composição do Sacro Collegio a maioria ultramontana e reaccionaria, dirigida pela vontade dominadora d'este cardeal, ha de eleger um papa da sua feição, e o seculo xx que foi inaugurado com o recrudescimento da questão religiosa em quasi todos os paizes catholicos, incluindo o nosso, verá segundo todas as probabilidades accentuar-se a lucta entre o poder civil, representado nos diversos estados pelas conquistas democraticas do direito publico moderno, e o poder theocratico symbolizado pela oligarchia que, com prejuizo do verdadeiro christianismo, capitanea de Roma o exercito da reacção.

De modo que, como se não bastassem os complexos problemas que estão embrando os horizontes do novo seculo, vem mais a questão religiosa lançar a sua nota irritante a complicar a situação já tão embaraçada das diferentes nações da Europa e da America.

Na Hungria o ministerio Szell continua na sua missão patriótica de resolver as mais instantes questões, que interessam á nação magyar. Tanto na politica como na administração a acção do presidente do conselho faz-se poderosamente sentir. Depois da lei das incompatibilidades, indispensavel para restabelecer o prestigio do parlamento, occupa-se actualmente em estudar os meios de impedir a emigração dos slovacos e dos ruthenos da alta Hungria, a qual n'estes ultimos tempos tem assumido proporções assustadoras ameaçando despoovar o paiz.

Outra medida ministerial, que encontrou largo apoio na opinião publica, foi a iniciativa para a regularização, perante a lei, da situação do partido socialista hungaro, ou melhor das tres facções em que os socialistas magyares se dividem. D'este modo e com um profundo tacto o sr. Szell, collocando em egualdade de condições o partido socialista relativamente aos demais partidos nacionais, supprimiu um permanente elemento de perturbação politica, e abriu a porta a esse partido para, sem renegar os seus ideaes, collaborar com os outros grupos avançados do aperfeiçoamento das instituições economicas do paiz.

Já por mais de uma vez temos alludido n'estas revistas á crise politica hespanhola, insistindo no perigo que para o centralismo castelhano representa a attitude da Catalunha. Ainda a proposito dos motins de Barcelona, dominados pela lei marcial decretada pelo ultimo governo conservador, nós dissemos que a situação do principado continuava cheia de ameaças para a monarchia de Madrid, visto que não só persistiam as causas que ali fomentavam o movimento separatista, senão que ainda cada vez mais essas causas se fortaleciam á medida que as consequencias inevitaveis da perda das colonias se iam fazendo sentir nos destinos da industria catalã.

Os successos d'estes ultimos dias vieram confirmar a justesa das nossas previsões. Novos motins acabam de rebentar em Barcelona, e tão logo elles foram, que o governo do sr. Sagasta se viu obrigado a suspender as garantias constitucionaes na cidade e a decretar a lei marcial. O pretexto foi a greve dos empregados dos tramways, á qual adheriram numerosos elementos operarios. O pretexto, porém, pouco importa. Este ou outro qualquer é indifferente para o caso. O que cumpre accentuar é a feição que assumiu o tumulto.

O grito predominante foi a separação da Catalunha da Hespanha. E' este grito que cada vez com mais inquietadora insistencia ha de certo tempo a esta parte se repete em todas as occasiões e a proposito de tudo.

Agora n'um *meeting* a que concorreram muitos milhares de individuos a questão foi claramente posta; a Hespanha foi rudemente atacada, e invectivados, no meio do entusiasmo delirante dos assistentes, o representante e os funcionarios do governo de Madrid.

De certo, ainda d'esta vez a Catalunha não logrará a sua independencia; mas o movimento está adquirindo tal extensão e intensidade, que não será temerario prevér para futuro não remoto graves acontecimentos n'este lado da peninsula.



Saudades dos Açores

III

Eu já tinha desembarcado em São Miguel por quatro ou cinco vezes, mas sempre sem demora, de passagem para Lisboa, ou vindo de Lisboa.

Emquanto o vapor mettia carga, ia-se dar uma volta na cidade, entrava-se no mercado para comprar e comer fruta bem fresca, visitava-se um amigo, descaçava-se um pouco e sombriava-se para bordo ao entardecer. Tinha-se feito uma leve idéa do que a cidade era, olhando de fugida os typos e os costumes, e tanto bastava para se ficar suppondo que muito felizes deviam ser os habitantes de uma tão serena e alegre nesga do universo.

Ao cair da noite espessa, o vapor levantava ferro, as luzes das ruas e das casas esmoreciam na treva, tudo se apagava na distancia. E adeus Ilha, e adeus cidade!

D'esta vez, porém, o vapor seguira viagem, e deixava-me em terra por quinze dias.

Que os habitantes da Ilha deviam ser felizes, já eu suppozera; que o eram, já mais de um m'o tinha confirmado. Falta-me saber agora em que consistia essa felicidade; e como o tempo me sobejasse, em vez de julgar por informações, quiz eu mesmo observar e deduzir. Nisso ganhei por dois lados: porque fiquei sabendo o que desejava saber, e me senti feliz da felicidade d'elles.

Uma primeira condição, essencial, da vida açoriana, bem expressa nos factos, nas coisas e nas pessoas, facilitava-me a tarefa: é que nos Açores as apparencias não enganam. O que se vê é o que é. Pão, pão; queijo, queijo! dizemos nós, os ilhéos.

A frontaria das casas corresponde, invariavelmente, ao semblante dos individuos. E como os individuos são, em geral, d'uma grande jovialidade, as casas são, quasi todas, ou caiadas de branco, ou cor de rosa. Tudo quanto se ou caiadas de branco, ou cor de rosa. Tudo quanto se passa na alma de um açoriano se lhe lê nos olhos, como tudo quanto se passa em sua casa se pode ver pelas janelas. Elle nem conhece dissimulações, nem gosta de cortinas. E tanto arregala os olhos para que a verdade entre por elles, como escancára as vidraças para que o sol entre por ellas.

Ao caracter do ilhéio açoriano corresponde, com muita exactidão, o estilo da sua propria architectura, muito regular e muito simples, e que na sua primeira maneira se encontra na ornamentação da fachada das igrejas, nas obras de talha e de ferro forjado, nos moveis e nos canteiros dos jardins. E como o seu caracter não admite complicações nem embustes, o seu estilo se limita a muito poucos ornatos.

Não ha grandes monumentos, nem edificios grandiosos. Não ha museus de arte, nem ruinas romanticas. Não ha estatuas, nem ha quadros de auctores celebres. Tudo quanto não seja Natureza ou obra da Natureza é bem pouco, e depressa se vê.

Em São Miguel, por exemplo, vista uma igreja, tem-se visto todas. Todas ellas têm a fachada semelhante, as mesmas portas manuelinas, os mesmos altos relevos em tufo basaltico, os mesmos tectos abaulados e caídos, as mesmas capellas lateraes, a mesma torre graciosa, isolada e direita, com a sua pequenina balustrada em volta, as mesmas rotulas e janelas pintadas de verde, como nas edificações typicas de Dresde.

O que pode levar-nos a correr todas essas igrejas, fóra do tempo santo da Quaresma, em que só por devoção se costuma fazer tal correria nas cidades açorianas, é uma ou outra rara peça de arte, que quasi sempre não vale a perda do tempo de a ver, e que muito aproveitado seria em subir mais uma vez a colina da Mãe de Deus, que domina inteiramente a cidade, toda disposta em amphiteatro: a leste, muito ao longe, a ponta da Galera e a serra da Agua de Pau, mil e treze metros acima do nivel do mar; a villa da Lagôa, a enseada, o areal e o ilhéu de Rasto de Cão, a casaria, os jardins, as estufas de ananazes, as chaminés das fabricas de alcool; a oeste, o porto de abrigo, o castello historico de São Braz, outras colinas revestidas de batatas, de milharaes, de pastos; a Avenida da Liberdade, a verdadeira, a constitucional, rasgada no mesmo ponto da Ilha onde D. Pedro passou em revista os seus sete mil e quinhentos bravos, e ouviu a missa campal d'esse bello dia; a nordeste, a povoação risonha da Fajã de Baixo, e, entre-vistos apenas, os Arrifes. . . E tudo emoldurado na incomparavel vegetação luxuriante d'essas espaldas e planícies que respondem a toda a semente, entre rumores de folhagens, cantos de passaros e o eterno sussurro das aguas verdes do mar!

Na Matriz, ha o portico manuelino com seus medalhões, em baixo relevo, de Vasco da Gama e do Infante D. Henrique, e as columnas do altar-mór, em boa talha doirada, do estilo D. João V. Na igreja de São José, uma crendencia que está na sacristia, muito antiga e genuinamente insulana. Na de Santo André, o retabulo do altar-mór, attribuido a Murillo, e representando o martyrio do Santo, entre algozes e pretorianos. Na ermida da Senhora do Desterro, a grade de ferro forjado que fecha o adro. No templo do Collegio, o pulpito onde prérgou o Padre Antonio Vieira e a capella mais rica em esculpturas de madeira,



Costumes michaelenses. CAPOTE E CAPOTE

que se supõe existir em Portugal. No convento da Esperança, a imagem do Santo Christo, aureolada de milagres, recamada de ouro, cravejada de pedras preciosas, coberta de beijos, de lagrimas e de bençãos.

Ha um Museu municipal muito notavel, classificado entre os melhores dos nossos; mas o que nesse museu offerece maior curiosidade é a pessoa do seu proprio director e seu preparador, o Capitão Chaves, naturalista michaelense, que tem dedicado a maior parte da sua vida aos estudos zologicos, principalmente da fauna açoriana, levando a dedicação e a mania ao ponto de realizar elle proprio, mettido em scaphandros, frequentes excursões submarinas, em busca de moluscos e crustaceos com que tem enriquecido as suas collecções. Ha uma Bibliotheca publica recheada de preciosos in-folios do tempo dos frades. Ha um Theatro muito bom, muito espaçoso, muito alegre, por onde já passou, em velhas noites de gloria, o nosso querido Taborda. Ha uma Penitenciaría de dimensões extraordinarias, que parece haver sido edificada muito de proposito para instigar ao crime a população michaelense, de tão bondosa indole, pois tantas são as suas commodidades e confortos, que até por gosto se cumpriria ali a pena de alguns annos de prisão maior celular...



Costumes michaelenses
A CARAPUÇA

O grande encanto da vida das cidades açorianas consiste, principalmente, no convívio exterior das suas populações e na doce paz infinita dos seus lares. Tudo é amavel, carinhoso e tranquillo. Tudo impregnado d'uma equal atmosfera de bem-estar, de segurança, de cordealidade. As ruas, pouco espaçosas, aconchegadas quasi todas ellas em torno de alguma egreja, correndo ao longo do velho muro da cerca de algum convento, ou recebendo a sombra das arvores de algum jardim, que sobre ella se debruçam — têm designações delicadas, amigas e comezinhas, todas recordando com ingenuidade coisas simples e galantes, invocando a graça de santos e poetas, aviando a memoria de doces lendas e glorias.

Em Ponta Delgada, por exemplo, eram a Rua da Agua, a Rua da Arquinha, a Travessa do Pavão, a Rua da Esperança, a Rua Formosa; eram a Rua de Margarida de Chaves, que mereceu ser canonisada, e o largo de Anthero de Quental, o maior poeta açoriano, um dos maiores de Portugal, um dos grandes do mundo.

Em muitas d'estas ruas, a erva cresce nos intersticios da calçada, cobrindo o chão de um tapete verde, salpicado de malmequeres miudinhos. Noutras, os passeios, que não têm mais de dois ou tres pés de largo, acabam subitamente onde uma casa se desvia do alinhamento.

Quando chove, não ha lama, porque a enxurrada das



Costumes michaelenses
A CARAPUÇA



Valle das Furnas. Um Parque

aguas tudo limpa, e corre para o mar, deixando as pedras das ruas tão frescas e tão polidas como um asfalto de co-sinha esfregado a panno.

De lixo, nem um atomo; de porcaria, nem uma molecula. Cada casa tem o seu quintal, ou o seu pedaço de quintal, e cada pedaço de quintal tem a sua estrutura. Para a estrutura ir vae tudo quanto, em muitas ruas de Lisboa, se atira para a rua e para cima de quem passa. Em qualquer das Ilhas dos Açores, a creada leviana que algum dia se atrevesse a sacudir para a rua os miolos d'uma toalha de meza, teria provocado uma desordem publica; se essa mesma creada, rein-cidindo, ousasse atirar para o meio da calçada uma tripa de peixe, teria posto a cidade em estado de sitio. O pelouro da limpeza, nas municipalidades açorianas, é uma utopia!



Sete Cidades. AS LAVADEIRAS



Valle das Furnas. CALDEIRAS

Não ha cartazes, não ha inscrições obscenas nas paredes. Os editaes, colados nas esquinas ou á porta das egrejas, são arrancados pontualmente no dia em que cessou o praso da sua validade, sem que d'elles fique sequer o vestigio d'uma obreia. Quando appareceu na minha Ilha o primeiro annuncio da Fabrica Singer, de grandes dimensões, e impresso a côres, com aquella menina e moça de penteado alto costurando á machina, durante tres dias houve um ajuntamento de mulheres, creanças e militares sem gradação, embasbacados diante d'elle.

O commercio faz-se sem reclame, sem armadilhas e sem má fé. As lojas são, em geral, mais que modestas; raras aquellas que ostentam alguma inovação luxuosa; poucas as que têm montras ou exposição de productos fóra das suas portas. Cada estabelecimento tem a sua tradição, a sua fama e o seu credito. Assim, na minha Ilha, toda a gente sabia que quem vendia o melhor panno era o Bento Fartura; que quem vendia o melhor chá era o velho Gaiato; que quem vendia os melhores pasteis era o Francisquinho das Flores. Cada um d'esses honrados e typicos commerciantes abria a porta da sua loja ás sete horas da manhã, punha-se ao balcão e esperava os seus freguezes. Quando

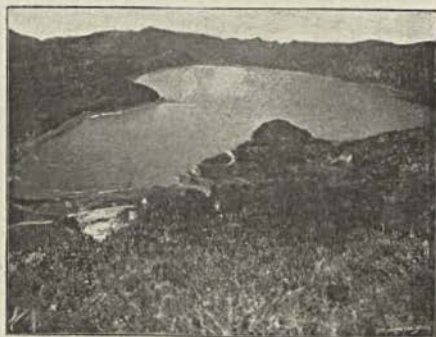
o relógio da Sé batia as nove horas compassadas da noite, cada um fechava outra vez a sua loja, recolhia a sua casa, mettia-se na sua cama, pegava no seu somno. E nunca um remorso agitou o seu somno, nem um caso illicito pesou na sua consciencia: sempre o Bento medira bem o seu panno; nunca o Gaiato roubara nas grammas do seu chá; e mais fresco que os seus pasteis, só o proprio Francisquinho das Flores se conhecia.

Os ilhéos dos Açores encontram a verdadeira receita da *alegria de viver*. É uma receita facil, mas para que se chegue a saber avia-la é necessario estar com elles, conviver com elles, aprender com elles.

O açoriano não é ambicioso; contenta-se sempre com o que tem, não inveja o que pertence ao proximo. Apenas com alguns paragrafos de excepção, porque ninguém é perfeito neste mundo, elle regula toda a sua vida por uma obediencia exacta aos mandamentos da lei de Deus. E' bom, é sobrio, é razoavel. A sua felicidade tem o seu segredo, mas é um segredo que elle não guarda, e segredo em que pôde entrar quem quizer, como no segredo de Polichinelo. O segredo está nisto: é que elle ama Deus sobre todas as coisas e o proximo como a si mesmo.

A idéa que o ilhéo tem de Deus é uma idéa clara, grande e simples. A sua existencia é uma coisa positiva, indiscutivel, eterna. Podem dizer o que quizerem para lhe provar o contrario; não chegarão a convence-lo. Deus é a infinita bondade; e acreditando que o homem foi creado á sua imagem e semelhança, o ilhéo entende que o seu dever é tornar-se bom quanto possivel, para melhor se aproximar de Deus. D'esta idéa resulta, naturalmente, o encanto ingenuo da vida açoriana e da bondosa, franca e communicativa indole das populações ilhéas.

As maravilhas dos Açores não estão sujeitas a catalogos, nem são de especie a estimular a avida curiosidade do estrangeiro, que subordina todo o prazer das viagens aos itinerarios e condições da Agencia Cook — ansioso de illustrar-se a preços reduzidos na visita de monumentos e ruinas. Não ha galerias de quadros celebres; ha aspectos deslum-



Sete Cidades. UM ASPECTO

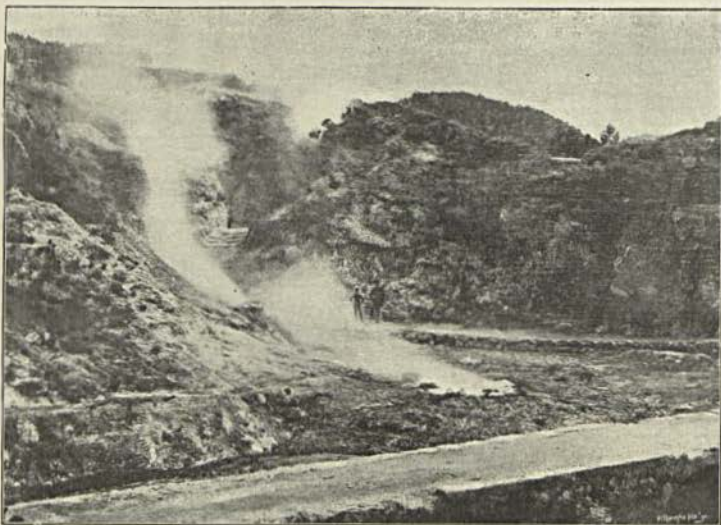
brantes ou meigos da Natureza, dispersos por toda a parte para onde a gente se volte.

Quer-se uma paisagem inteiramente nova, absolutamente diferente de tudo quanto conhecemos os que já per-

atmosphérica, o Valle das Furnas desdobra-se em opulências de vegetação, entre cordilheiras revestidas de florestas, num vasto solo fendido de mil nascentes de agua em ebulição, enchendo a atmosphera de vapores aquosos e vapores de enxofre sublimado, que cristalisa nas bordas de ribeiras murmurajantes.

De onde em onde, uma caldeira palpitante, escancarando para o céu as fauces infernaes, soltando rugidos fundos e roucos de leão exasperado, baba-se em lodo e em espumas, lança ao ar o sopro forte das narinas, sugere bem, como na caldeira de Pero Botelho, a idéa de um respiradouro do Diabo, mal suffocado nas profundezas dos infernos. Quando a humidade do ar é muita, o fumo d'estas furnas pouco sobe, enovela-se em redor, e mais avigora o ruído subterraneo das crateras, que chega a metter medo.

Perto e longe, aqui e além, á superficie de todo este sólo, pequeninas covas vulcanicas ora fecham, ora dilatam a graciosa cratera, e sente-se o chão tremer, e adivinha-se o perigo de pisar a côdea d'aquelle



Valle das Furnas. OS PICOS

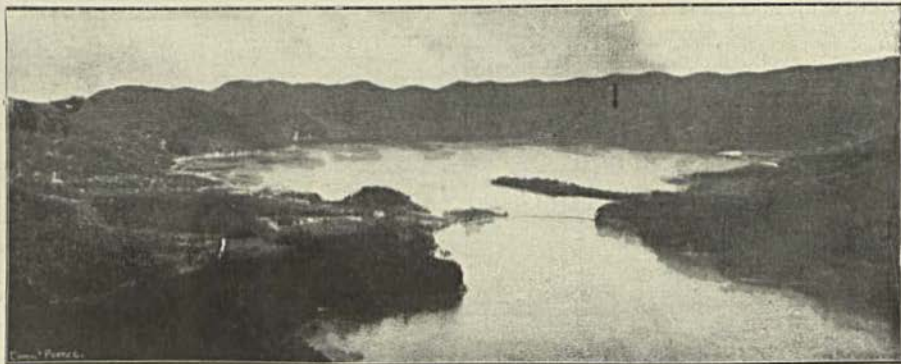
correram as pequeninas aldeias incrustadas no Piemonte ou na Lombardia? Vamos ás Sete Cidades, onde a aldeia repousa sobre um lago extenso de cinco kilometros, bi-partido em aguas que d'um lado são azues como o céu do Mediterraneo, e verdes, do outro lado, como os *polders* da Hollanda.

E-se muito exigente, quer-se maior surpresa, procura-se alguma coisa que não lembre já a Suissa, nem o Piemonte, nem a Lombardia; alguma coisa de inteiramente novo, alguma coisa que vá muito além de tudo quanto se houvesse concebido de mais grandioso, de mais bello, de mais imponente nos espectaculos incomparaveis da Natureza prodiga, amavel, caprichosa — tem-se o Valle das Furnas.

Originado pela acção do fogo subterraneo e da agua

terreno, que bem poderá fender-se por baixo dos nossos pés, e engulir-nos, e sorver-nos, no momento em que, amortecida já a cobarde sensação do perigo, nos embevecemos com a sensação estranha da paisagem.

Ao phenomeno de *geysers*, que são o indicio certo da vizinhança dos vulcões, vêm juntar-se, e perder-se na mistura dos gazes que sulfuram a atmosphera, os odores balsamicos dos pinheiros erguidos a distancia, cobrindo as culminancias do Pico do Gafanhoto, do Pico do Canario, do Salto do Cavallo. . . A' suavidade e tepidez do clima, á estranha configuração do sólo, á exuberancia das aguas que brotam a temperaturas várias, corresponde a riqueza da flora, que aqui é a de todas as regiões do globo, a profusão das flôres, a originalidade da paisagem, a alegria dos



Sete Cidades. A LAGOA GRANDE

doentes, que encontraram nas Furnas um escondido thesouro de prodígios therapeuticos.

Mont'Alverne esperava-me no Valle das Furnas, onde estava dirigindo a estação thermal.

Saiu-se-me ao caminho, veiu ao meu encontro, meteu-me o braço, levou-me para sua casa, sentou-me á sua mesa, identificou-me com a sua propria familia — verdadeiro typo da familia açoriana, franca, jovial, affectuosa, communitativa.

Nunca se desvanecerá, nem ha de sequer esmorecer na minha memoria, o suavissimo quadro d'esse interior ilhco, que algum amavel pintor da Hollanda teria fixado numa d'aquellas pequeninas telas que fizeram a suprema graça de Metz u e de Terburg.

Sentada numa cadeira, uma velha senhora sorridente, de cabellos pateados em bandos, sustinha sobre os joelhos uma creanca de tres annos, rechonchuda e rosada como um cherubim. E junto d'ella, e de pé, em escala graduada de idades e de estaturas, duas outras senhoras e uma menina, a quem eu não déra mais de dezete annos. A creanca rechonchuda e rosada como um cherubim era a filha de Mont'Alverne; a que eu julgara menina era a senhora d'elle; das duas outras senhoras, uma era a avó da pequenina, a outra a bisavó; e a que a tinha ao côlo, e com esse doce peso toda se desvanecia, a trisavó contente de viver ainda!

Os poucos dias que passei nas furnas entraram na conta d'aquelles que eu vou julgando os melhores da minha vida.

— «Isto é um jardim plantado num vulcão! dizia-me Mont'Alverne. — E' um céu nas abobadas de um inferno! O Valle das Furnas tem sido uma fonte de encantos para prosadores e poetas, para analysts e cultores de sciencias naturaes. Aqui têm vindo todos elles buscar inspiração para a sua musa, assumpto para os seus livros, materia prima para os seus estudos de laboratorio, de gabinete ou de hospital...»

Iamos atravessando o povoado, a passo lento, e a cada passo parando, para saudar algum rancho de raparigas alegres, a caminho da Agua Azeda, onde as esperavam guitarradas, á saída d'um parque, á volta d'um pic-nic; ou para admirar alguma rua de fétos; ou para olhar uma corrente de aguas ferreas; ou para deixar passar, em grande correria, alguma burricada que voltava d'uma excursão aos picos — quando, outra vez, nos appareceu Moniz de Betten-court.

— «... Só faltava um poema ao Valle das Furnas, continuou Mont'Alverne. — Pois esse poema está feito, e feito por *Mendo-Bem*, que empunhou a lyra e foi cantando, a través d'esta natureza, as aguas que marulham, as folhas que suspiram, as flores que sorriem, o zephyro que geme, as plantas que estremecem, as aves que gorgeiam, os vulcões que vomitam as escorias da terra, os lagos, as sulfataras, o céu, a lua, tudo que ri ou que soluça, tudo que attráe ou que galvanisa, que deslumbra ou commove, que aniquila ou exalta! As fadas do Valle reuniram, fez-se um silencio estranho, cessou o murmuro das aguas e o dialogo amoroso da folhagem, tudo caiu em lethargia ao som da lyra que celebrava a poesia da Natureza... E assim se fez o poema, singelo, doce, bucolico, d'um perfumado lyrismo, enternecido extase de uma alma...»

ALFREDO MESQUITA.

O LAR DE JENNY

Home, home, sweet home! there is no place like home!

São seis horas da tarde: o sol vae declinando:
Pela janella aberta, — uma janella enorme

Que deita sobre o mar, —
Vê-se dum lado o céu todo banhado em sangue
E do outro, erguendo a fronte entre milhões de estrellas,
A lua, a despontar.

E cá dentro, na sala, embora empalideça
Lá fóra o azul sereno e vivido do céu,
Que vida que não ha!

O sol sumiu-se, emfim, na linha do horizonte:
Entra pela janella um raio de luar,
— Não tarda a vir o chá

Emquanto elle não chega, o pae, no entretanto,
Aproveita do dia os ultimos lampejos,
Fuma um charuto e lê,
Recostado numa ampla e commoda poltrona,
Com o ar de quem está saboreando um nectar,
O *Jack de Daudet*;

Curvando a sua fronte augusta e scismadora
De sabio consummado e medico distincto,
Junto da mesa, a avó,
Ainda rijo apesar de mais de noventa annos,
Abre pausadamente as folhas calandradas
Dum livro de Charcot;

A um canto do salão, a irmã mais pequenina
Entretém se a vestir co' o fato das bonecas
O *Puss*, — um gatarrão
Que atura tudo aquillo imperturbavelmente
P'ra lhe poder fugir dum salto, apenas haja
Alguma distracção;

— Outra, — uma gentil creanca de dez annos, —
Folheia atentamente um album delicioso
De costumes inglezes,
Emquanto a mãe passeia ao longo da varanda,
Embalando a cantar nos braços vigorosos
Um *baby* de tres mezes;

Meia a dormir, a avó, sentada na cadeira,
Vae passando uma a uma as contas da rosario
E entre orações medita
Em como Deus é bom que, ouvindo as suas preces,
Tornou tão venturosa á sua q'rida Jenny,
— A neta favorita

Que, emquanto ella, — coitada! — a trémula velhinha,
A contempla a sorrir alegre e satisfeita
Co' um ar embevecido,
Se sentára ao Erard de guaiaco entalhado,
E, co' os olhos azues duma doçura immensa
Nos olhos do marido,

Toca magistralmente um trecho primoroso
— Esse bello *intermezzo* escripto por Gillet
Chamado *Loin du bal*.
E naquella postura a angelica velhinha,
E' tão formosa e tem um ar tão puro e casto
Que é quasi divina!

O seu corpo gentil, franzino e delicado
Veste um lindo roupão de musselina branca
E seda côr de rosa,
Que lhe ouplenta mais o seio tentador
E lhe faz á cintura ainda mais estreita,
Tornando-a mais airosa;

O cabelo ondulado e erguido sobre a nuca
Frende-se num pequeno *agrafe* de brilhantes;
O pé — de enlouquecer!
Calçado num primor supremo de elegancia
Mas que ella, — tão modesta! — encolhe sempre e tanto
Que mal se pode ver...

E a candura do olhar, o aroma do seu fato,
As curvas do seu busto, a graça dos seus gestos
E a distincção do porte,
Este conjuncto ideal, encantador e simples
Dá-lhe o tom vaporoso e vago dessas virgens
Das balladas do Norte...

Junto della e encostado á tampa do piano
O marido, a sorrir, olha-a tambem extático
— Aspira dessa *l'air*
O perfume subtil que o seu cabelo exhala
E que põe no ambiente embalsamado e tepido
Todo um nimbo de amor...

Expiram do *intermezzo* os ultimos accordes;
O *Puss* foge emfim; a irmã mais pequenina
Rompe num alto choro;
E ella, cingindo o busto á esposa idolatrada,
Dá-lhe um beijo na fronte e diz-lhe num murmuro:
— «Jenny, como eu te adoro!»

E ao ver aquelles dois tão juntos e felizes,
Ao sentir este lar tão cheio de conforto,
Lembro-me — e com que magua! —
Que estão longe de mim a Esposa que estremeço
O meu Filho tão lindo... e os olhos, sem eu q'rrer,
Inundam-se-me de agua!

Eça de Almeida.

MODAS

Blusa em glacé azul turqueza

Costas lisas esticadas com um ligeiro franzia na cinta e costuras debaixo do braço. Os quartos da frente recortados em bicos, são guarnecidos de um entremeio de *guipure* creme formando quadrados e de uma estreita renda á borda.



Blusa

Por baixo d'estes bicos um peitilho de seda do mesmo tom e uma ligeira *broderie* nas frentes do corpo.

Gola alta pregueada. As mangas na mesma seda terminam por dois folhos de *crepe-lisse* ajustados no braço até ao cotovello. A cinta é apertada n'uma fita de setim formando laço ao lado.

Corpo em renda

Este corpo, em renda renascença sobre seda lilaz, é elegantíssimo.

As costas perfeitamente direitas prendem em costuras debaixo do braço.

As frentes em feltio de blusa toem largas bandas em setim lilaz, fórma de gaze preso por um laço de fita.

Chapéu em palha lilaz guarnecido apenas por uma amazona e um *choux* de fita lilaz.

Gola e peitilho em gaze creme pelissada e na cinta uma larga fita lilaz com fiavela em pedras de phantasias.

A manga, meio curta, termina com um largo folho da mesma gaze preso por um laço de fita.

Chapéu em palha lilaz guarnecido apenas por uma amazona e um *choux* de fita lilaz.

Vestido de campo em voile azul marinho

Saia redonda tendo o avental e as costuras dos lados envidadas e costura direita atrás.

No panno da frente e nas costuras, a saia é cortada até meia altura sobre um leque em pregas de *glacé* no mesmo tom da fazenda. Estas aberturas são rematadas por pequenos botões dourados que enfeitam também as costuras da frente no alto da saia.

Corpo com abas (em forma de casaca) sem costura nas costas e tendo apenas dois quartos pequenos.

As frentes formam *plastrons* abotoado aos lados até ao hombro e esticado em preguinhas na cinta.

O alto do corpo é decotado em bico adiante sobre um gracioso peitilho em seda creme com pregas miúdas na frente e collarinho voltado.

Botões dourados guarnecem também o decote e



Corpo em renda



Vestido de campo

as abas da casaca, debaixo das quaes sae uma fita de velludo preto presa na frente por uma fiavela — arte nova.

Manga justa alargando no punho, guarnecida por um estreito galão dourado.

Fazenda precisa para este vestido: 6 m. e 50 c. de *voile* de metro e meio de largura.

Figaro em panno mordoré

Costas sem costura ao meio; pequenos quartos debaixo do braço; frentes direitas em bico, acertoando ao lado. A borda d'este acertoado tem quatro recortes, vendo-se a través d'elles uma banda em panno branco, com um pequeno botão em cada recorte.

O corpo abre em cima ligeiramente com bandas e gola em panno branco, sobre um pequeno peitilho de *mousseline* de seda branca.

Manga larga recortada como a frente sobre um farto tufo da mesma *mousseline*.

E' este um dos mais elegantes figaros que a moda tem inventado.

Com as mulheres, a dissimulação é algumas vezes permitida: agrada-lhes, serve-nos, e não faz mal a ninguém.

LORD METEFIELD.

A mentira é muitas vezes para a mulher uma das formas do dever.



Figaro



Ja rebentaram as fontes. Toda a terra se agita, viva, deitando cá fora o seu sonho. Dir-se-hia que sob o chão que pizamos correm rios de tinta que trasbordam, subindo nos troncos, cobrindo-os de roxo, de branco, de purpura e de verde... Vae por esse mundo um deboche de côr. As plantas apparecem-nos na mais linda *toilette*, os bichos vestem as suas roupas mais ricas. Não ha princeza na terra que possua tão maravilhosos tecidos, sedas, oirciencias, desenhos e applicações de igual beleza e juntamente de fragilidade tamanha... Vi hontem uma vespa a passear n'uma petala de rosa... Tinha cahido um destes aguaceiros de primavera rapidos e precipitados — mas logo o sol correu a jorros doirando a terra... A vespa abrigou-se sob este telheiro — uma folha, mas enxarcara o vestido e á primeira flecha de sol, que tombou na flor, sahiu da sua toca. Vêde... Devagarinho passeia no marmore avelludado da flor; enxuga as azas finas, transparentes com fios de prata, passando sobre ellas as antenas... Depois, pára, olha... O seu corpo é d'oiro — a rosa é enorme, voluptuosa, quasi negra... Os olhos brilham-lhe no focinhito agitado, reflectindo a natureza em torno. De subito levanta vôo e parte como uma scintella de lume.

Que maravilhosas habitações, as rosas, os cravos, as gardenias, todas as flores que surgem como por encanto da terra — neste lindo mez de Maria!... Nenhum palacio se lhes compara, nem marmores, nem joias! São os tecidos mais maravilhosos que dar se podem! Ha carnações olympicas, outras desmaiadas e tenras; ha-as exangues, pallidas, que vivem minutos e tem a apparencia de crimes ou lepras. Já não falo das formas, deixo de lado os recortes d'uma trama e d'uma finura incomparaveis... São de materia e ao mesmo tempo ethereas... Mas as côres! oh as côres construiu-as Deus de tinta e sonho.

Diz-me um amigo com quem passeio n'este maravilhoso mez de maio:

- Sabes o que são as côres?
- Eu sei!...
- Sei eu... Tu não entendes nada d'este mundo sublanar. E's um idealista — mas eu vejo! eu vejo!...
- O quê? que é que tu vês, meu materialista?...
- Esta terra que habitamos é um composto de moleculas. Atravessam-na torrentes d'odio, d'exaspero, d'ambição, d'infamia, tal qual como ao homem. São jorros de voluptuosidade, de crime, de perditia ou de amor entrecruzando-se, chocando-se... O homem que é feito de humus, á inagem e similhaça de sua mãe, a monstruosa natureza, tambem tem algo desses largos rios subterraneos de grandeza, de coleras, d'heroismo e de raiva, de mesquinhez e de egoismo.
- Que estranha theoria, philosopho!...

— Dahi... Ah tu ris-te!... Não concludo, se te ris...

— Deixa me ao menos sorrir... Todas as theorias são identicas, mais phantasia ou menos phantasia no caso... No fundo palavras... Que te importa se me rio?... A conclusão? Depressa a conclusão!...

— Vá lá! Eil-a... Sob esta força que é a Primavera — o odio, a raiva, o amor, tem tambem a sua eclosião... Olha: esta arvore — toda d'amarello, provem d'uma torrente de desespero. Vês esta olaia inteiramente roxa? As suas tintas dá-lhas um jorro de saúde... E esta flôr que nos dá a impressão dum grito escarlate, não é a propria voluptuosidade?... A raiva vem ao sol na tinta d'esta flôr perdidã, venenosa, d'um colorido indeciso... Eil-a a ambição, o orgulho n'esta purpura; a castidade n'esta brancura immaterial.

— O povo já tinha dito isso com mais simplicidade — amarello é desespero, verde é esperança... Andã, meu velho, farta-te de theorias — de palavras... E amos, em-

bebidos, nos pozemos a olhar não sei que simples florista requemada e sem nome que crescerã á beira dum vallado.

Ah! sim, maio!... Não era de maio que lhes estava a fallar?... Os pequenos bichos, os pyrilampos, os insectos com as suas roupas de purpura, negras, roxas como as dos prelados, escondem-se ao cahir da noite, em habitações perfumadas e vivas! As rosas, os lyrios abrem e offerecem-lhes alcovas cheias de voluptuosidade e de sonho para os seus amores. Nem os principes da lenda assim encontraram — nas maravilhosas noites, tacitas e suffocadas de luar, camaras perfumadas onde ajoelhassem aos pés de graciosas princezinhas loiras.

Não ha terra no mundo, creio eu, onde appareçam menos flores do que em Lisboa.



As flores — que se não deveriam vender — são aqui caríssimas. Como o sol, o azul do céu, o ar que se respira, as arvores e o amor — as rosas e os lírios deveriam oferecer-se aos pobres ás mólhadas. Se alguém pensasse em organizar uma instituição que tivesse por fim dar aos desherdados, não só o pão de cada dia, — mas flores?... Um mólho de cravos sobre uma meza enche d'alegria, dá vontade de trabalhar, de rir; um simples ramo torna-nos por vezes bons; já houve arvores que impediram o assassinato... Ponham um criminoso em contacto com um grande sobre sussurante, vivo, esplendido e melhora-o háo. Ninguém discute a acção moralisadora das flores e das coisas simples, humildes e ao mesmo tempo grandes da natureza — as aguas correntes, a luz, as montanhas. A vida sabe-nos melhor quando podemos abrir as janellas, ainda que sejam dum cubiculo — para o ar livre e a natureza magnífica; o pão nosso de cada dia tem um outro gosto, ainda que seja de rala, se o comermos em frente dum mólho viçoso, fresco, todo perlado de orvalho, de margaridas, de assucenas, de lilazes. Tudo o que é bello torna-nos grandes, simples e bondosos.

O portuguez, que é sempre um poeta, tem esta falha: — não ama as flores. Em qualquer canteiro se podem crear obras de prodigio; a mais mesquinha terra é fácil de converter-se em sonho. Pois vel-a-heis esteril e abandonada. Ha n'este doce paiz o desprezo da flor — a não ser que ella se possa trocar em moeda corrente. Não é raro vermos n'uma praça publica abater-se sem protestos uma arvore. E' até vulgar!.. Quando a arvore começa a ser bella, esgalhada e enorme, cheia de ruidos e de sombra — surge o vereador e corta-a, sem imaginar sequer que mais vale um simples e humilde platanó do que um conselheiro do estado. O politico é inutil. Faz mais differença á natureza o assassinato d'uma grande arvore, que dá sombra e frescura, que tem a alta missão de purificar a atmosphera, do que a morte de meia duzia de conselheiros d'estado gravissimos e calvos. Perdoem-me!...

Ah sim! maio, não era? Era de maio que eu vinha falando?... Já rebentaram novas fontes e não ha vallado, carreira d'aldeia onde não cresçam lírios selvagens, lindas florinhas graciosas e humilimas... As raparigas cortam-nas, enfeitam com ellas os cabellos e os seios — e riem, coram, se as olhamos. Só na cidade não ha flores. Hontem, ao entardecer, deparei na rua com este caso enternecedor e banal. Alguem deitára fóra d'uma jarra velhas flores meio murchas. Nem já se differenciavam de resequidas. Uma triste rapariguinha que passava, descalça, de saíta róta e cabellos ao vento, apanhou-as da poeira, sacudiu-as e pondo-as ao peito, partiu a cantar n'uma satisfação immensa, alegre como um passaro.

Era de certo condão das flores — mas tambem de maio que chegou, com a sua magia e o seu sonho. Rebentaram novas fontes e a Terra dil-a-heis agitada e viva. Sob o chão que calcamos correm rios de tinta que trasbordam e cobrem as arvores de roxo, de purpura, de verde.

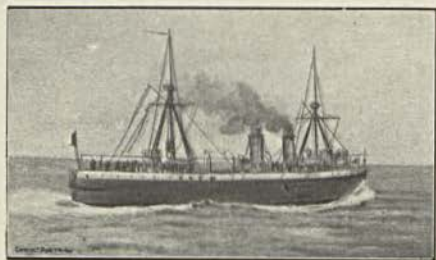
RAUL BRANDÃO.

O cruzador "Rainha D. Amelia,"

COMPLETOU todas as experiencias, com bom resultado, e brevemente fará parte da armada portugueza o cruzador *Rainha D. Amelia*.

Para as potencias maritimas de primeira ou de segunda ordem, o augmento de um navio, como aquelle cruzador, não tem grande importancia, nem quasi se percebe, mas para a marinha portugueza, que antes da vinda dos cruzadores *D. Carlos*, *S. Gabriel* e *S. Rafael*, chegára ao mais decadente estado, o cruzador *Rainha D. Amelia*, ápezar de não chegar a deslocar 2.000 toneladas representa uma força que não é para desprezar, tendo-se sobretudo presente, que é um cruzador de estação, e que nas estações deve prestar excellentes serviços.

O cruzador *Rainha D. Amelia* se pela sua tonelagem se considera na 3.^a ou 4.^a classe, pela velocidade, pelo raio de accão, pelo armamento e protecção, e por outras particularidades, pôde bem merecer mais elevada classificação.



Phot. de Seneca Silva

O cruzador *D. AMELIA*, navegando com uma velocidade de 15 milhas

E' o navio de 1.800 toneladas quando estiver na sua linha d'agua carregada. Mede 75^m de comprimento, entre as perpendiculares e 11^m,08 de bocca. Duas machinas verticaes independentes, de triplice expansão, dão-lhe andamento superior a 18 milhas por hora com a força total de 5.000 cavallos; sendo porém a velocidade economica, isto é a velocidade com que deve navegar ordinariamente de 14 milhas ou pouco mais. As caldeiras de tubos de agua, de Sigaudy Normand, trabalham com a pressão de 16 kilogrammas, e produzem vapor para mais 160 cavallos de força do que a necessaria para as machinas motoras. Assim as caldeiras alimentam sem difficuldade as machinas electricas que são poderosas, pois que, em todos os serviços de bordo, alem da iluminação se emprega a electricidade. Por appparelhos electricos se move o leme, pela força electrica se içam os escaleres, se suspende o ferro, se manobra a artilharia. A este respeito é dos mais perfeitos navios.

Guardem o cruzador *Rainha D. Amelia*, seis canhões de aço, systema Canet, de tiro rapido, sendo quatro de 15 centimetros, em reductos salientes á murada, e dois de 10 centimetros no tombadilho um, no castello de prôa o outro. Afóra estes canhões, tem mais duas peças Hotchkiss de 47^m/m, duas de 37^m/m, duas metralhadoras nas gaves militares e dois tubos de lançamento de torpedos.

O cruzador *Rainha D. Amelia* está designado para fazer parte da divisão naval que hade acompanhar Suas Magestades na sua proxima viagem á Madeira e aos Açores, e bem irá em tal viagem.

Ha pouco mais de dois annos que o cruzador, de que estamos falando, foi lançado ás aguas do Tejo, por Sua Magestade a Rainha. Ao cair das regeiras, ultimas prezas que agarravam o navio ao estaleiro onde se levantára, disse a soberana apoiando a mão na roda de prôa, segundo a moda antiga, e como que para lhes dar um impulso: «Vae. Vae em nome de El-Rei! Vae com Deus!»

Vae, repetimos nós tambem, agora que o cruzador está prestes a servir. Segue com felicidade o teu destino. Sulca ovante os mares onde fomos grandes, onde fomos senhores e mestres. Honra as tradições dos marinheiros portuguezes. Não deixes que se abata a bandeira que te ondeia na pôpa, defende-a com denodo, que n'ella e por ella defendes a patria tão querida de todos nós.

PEDRO DINIZ.

Quando os monarchas se encaminhavam bem, era quando caminhavam a ver os philosophos, d'onde temos, que das duvidas dos principes, elles proprios appellavam para a sentença dos sabios. Diga-o Faraó nos sonhos, Nabuco nas illusões, Balthasar nas evidencias.



12 de Maio.

Querida Prima:

Vae encantador este mez de rozas. O ceu é interminavelmente lindo como os olhos d'uma ingleza d'aguarella e a terra está, florida e exuberante, cantando o luminoso hymno da fecundação entre beijos doirados de póllen e amores breves de borboletas. A vida irrompe impetuosa e forte dos calices erectos das flores, sobe ás ondas nos vasos turgidos d'un trevo, desata se nos trillos agéis dos rouxinos, afflora as faces erubescidas das mulheres, reverdesce nos tenrinhos gómos das arvores, luz nos olhos baços dos velhos, — e sempre intensa e vibrante, sempre maravilhosa, em tudo nos quer mostrar que chegou a maia gírrula, a maia traquina de todas as moças: a moça Primavera... Rasgando a névoa, como uma colti-gênese, estovayda rasga arcos de papel no circo, menina Primavera saltou em Lisboa n'um bello dia, corre o vestido azul a arrastar no ceu e a cabelleira de sol, estendida, a tocar na terra...

E, para logo, velhos e novos, mulheres e creanças, — todos! — sentiram aquella seiva vivificante que trepa pelo corpo como um arrepio e faz desabrochar na alma a corolla vermelha da alegria.

Como este povo é interessante sob este aspecto!

Ordinariamente tão maeambuzio, tão sorumbático e agora, azogado, de sangue na guerra, é vel-o n'um bando alacre, os olhos luminosos, as boccas riado, os corações aos pulos... Ah! patifa da Primavera, não é por bem que tu soltas esse vento endiabrado que repuxa as saias ás raparigas, de modo a moldar-lhes as formas e a descobrir-lhes os pés... Não é por bem, não!

E'a maliciosa e perversa...

Tão maliciosa e tão perversa que á força de nos piparrotear o corpo

e de nos cocegar a alma com os dez dedos rozcos das suas mãos inquietas, rapidas, diabolicas, acasla por nos irritar e enlouquecer d'amor... Em compensação, tira-nos actividade e força para o trabalho. Passámos nós um anno beata-

mente elhando o sol, na vida indolente e morbida de visinhos, paredes-meias, da Africa. Trabalha a imaginação e dorme o musculo, de forma que este habituado á mandria só se contrae, como os cavallos de carroça, merecê das chicotadas d'um estimulante.

Mas, vem a primavera e o sangue remexe se todo e o mundo desperta e o cerebro accende-se d'impulsões. E então, é que é ver o amigo libboeta trabalhando d'afogadilho enquanto lhe dura a febre d'espírito...

Olhe a minha prima para o que ali vae d'actividade, desde que Maio bateu á porta.

Logo no dia 1, a festa do trabalho que para bem começar o converte immediatamente em dia de folga. Saem á rua todas essas associações, todas essas cooperativas, socialistas, socialistas por fora, coisas nenhuma por dentro e enfileiram-se ao longo da Avenida, como verá das gravuras, n'uma longa «bichas» que rompe marcha em direitura ao tumulo de José Fontana, onde derrama annualmente flores de quintal e flores de rhetorica. A frente, o competente cordão de policiaes contem o socialismo nas devidas proporções junto do governo de S. M. Fidelissima e vae sempre disposto a marear o compasso do monotonico hymno do trabalho, com o gume rutilante dos seus «chanfalloes», no dorso magro dos manifestantes.

Esse hymno é a perseguição d'esse dia. Começa a ouvir-se esse asso-bio pela madrugada e dura, indefinidamente, até a noite em «sol-e-dóss» e «funggás» das sociedades mais phantasticas da creação. Lá as vi! que nomes, santo Deus!

Sociedade Recreio Igualdade e Prosperidade, em que o socio contrabito não pôde prosperar mais do que o socio clarinete, sob pena de quebrar a equaldade da taboleta. Resultado: harmonisam-se os dois, a contento da desafinação geral. . . Outra, a Sociedade Esperança e Har-



1.º DE MAIO — O cortejo na Avenida



1.º DE MAIO — A policia



1.º DE MAIO — O centro operario

monia, que por antinomia é desesperada na desharmonia... Outra, a da Concentração Musical, que só deveria tocar musica philosophica... Fora as de Recordação d'Apollo e as academias philarmônicas Verdi e



Associação dos botequineiros

recreativas Mozart. Pobres Verdi e Mozart, onde o destino da celebridade vos atirou!

Por nosso bem, nem todas as philarmônicas são assim. Assim tivemos nós agora essa orchestra philarmônica de Berlin, nos dias seis e sete, que nos deixou de boeca aberta, pela primeira vez, diante d'uma philarmônica!

Dizem os entendidos, que é a melhor orchestra do mundo. Se é ou não, ignoro; o que sei é que nunca ouvi melhor. Essa orchestra alemã mostra bem o que é aquelle povo, affirmá altamente a caracteristica d'essa raça: a disciplina. São 80 homens que se movem como um instrumento, á mercê do regente. Elle é quem toca, por assim dizer, no meio d'aquella multidão...

Arthur Nikisch, como elle se chama, é um trigueiro, meão, largo d'espaldas, com a fronte vincada d'um sulco enérgico entre os supercilios vigorosos. Tem o cabelo negro naturalmente anelado, a face um pouco biliosa, a barba curta e o bigode já assaltado de brancas.

A cabeça mostra essa plasticidade de mascara que impõe exteriormente o superior ás multidões. Nos olhos, ha um pulsar de clárvos, uma successão de fuzilamentos, que os torna brandos como terciopelo, ora rápidos e terríveis como brilhantes despedindo raios.

Rege com um enthusiasmo sobre, indicando com a batuta, com o olhar, com um leve movimento de mão, a entrada de cada instrumento, a expressão de cada phrase. E rege quasi sempre de cór, sem partitura...

O melhor elogio está n'isto: é um hungaro a reger a primeira orchestra da Alemanha.

E atraz d'elle, seguem-lhe a vara magica da batuta carente primeiros professores do imperio; typos de cabelos ondedos, loiros, grisalhos e brancos, arranjados em trunfas d'artista, que estão d'olho alerta, em extasia, em adoração, como teclas dispostas a despedir sem logo que Nikisch lhes acene...

E maravilhosos! Eu, querida prima, ouvi tocar a «dansa dos sylphos» de Berlioz d'um modo que jámais me esquecerá. Essa orchestra toda era um murmuro de brisa, na harpa corria góttas d'agua, nos violoncellos

desenhavam-se e apagavam-se os inquietos fogos fatuos e, de quando em quando, no obó havia um som ethico de pedra que tomba n'uma poça. A illusão foi perfeita, unica, espontanea e a plateia levantou-se em massa a pedir bis...

Pois bem; não houve a mais ligeira differença da primeira audição... As mesmas góttas d'agua gorgolejaram na harpa, o mesmo susurro de folhas correu nos violinos, os mesmos lumes lambeiram os violoncellos e o mesmo calhar tombou monotonamente do obó...

Nessa noite o publico ficou eletrizado e moído de nervos, como depois d'uma sôva. Se não fosse temporada de primavera, finhamos o amigo Lisboaeta derrado para uma senasa. Mas, o sangue escaldava-lhe nas arterias e a actividade colava-lhe como uma serpente pelo corpo.

Amigo Lisboaeta acordou no dia seguinte e foi para o palacio Foz, presenciar o leilão. Ahí, assistiu d'olhos chorosos ao desmanchar d'aquelle ninho d'arte, vendo partir as mais lindas porcelanas de Sèvres e de Worcester, de Saxe e de Furstemberg, despedindo-se de Memling, de Sneyders, de Ribera, abraçando n'um ultimo olhar as estatuas de Pigallé e de d'Épinau, passando pela ultima vez n'aquellas maravilhosas salas e n'aquella asombrosa estrada.

E, desgraçadamente, nem o nosso governo nem a nossa camara se lembraram de comprar uma braçada d'objectos d'arte para os pobres museus nacionaes...

Coisas d'esta terra!

O amigo Lisboaeta é que se não apoquentou muito no fundo, apesar d'estas selvagerias que está vendo nas bochechas e á luz do sol...

Tem a sua rica primavera, estude-se ao fresco nos bancos da Avenida, delicado com a chuva rôsa das flores das claias e inebriado com os perfumes perturbadores das acacias floridas... e deixa correr o marfim!

Para quê, chorar? para quê, a dôr?

Vamos a aproveitar esta aragemista de actividade e gastemo-la na paudega,— que a vida são dois dias... Estralejam foguetes nos toiros e vem o Recreio... olé, olé! E não tarda ahí a exposição de Bellas-Artes...

—Vamos, prima! Primeiro aos toiros e depois aos monos!—

Beija-lhe as mãos o seu primo muito amigo

MANOEL PENTADO.



O tumulo de José Fontana

THEATROS

Grande movimento no mundo theatral. Companhias que partem, levando ás cidades da provincia e das ilhas as peças que mais successo alcançaram durante o inverno em Lisboa, companhias estrangeiras que chegam trazendo-nos as ultimas peças de Paris e de Madrid, companhias portuguezas que nos trazem o que no Porto applaudiram, companhias que chegam, que partem, que voltam, que se desmembram para ubias de elementos de varias fazeres uma só. Uma azafama medonha para distrahir o bom lisboeta enquanto não chega a occasião de partir para o campo e para as praias e de substituir a noite de theatro pela noite no club, a operetta pela valse, o drama pela quadrilha, a comedia pelos lanceiros, a ópera pelo pas-de-quatre.

Cá no Principe Real em menos d'um mez appareceram tres companhias para substituirem a que ali trabalhò durante o inverno e que está na ilha da Madeira: a companhia do theatro Carlos Alberto, do Porto, que chegou, representou, não agradou e se foi embora; uma companhia de zarzuela que chegou, desafinou e desapareceu sem quasi ninguém dar por ella e finalmente a companhia Taveira, do Principe Real do Porto, que chegou e venceu, pois tem dado bellos espectaculos e tem tido bellas enchentes.

No D. Amélia, enquanto os Rosas e Brazão representavam no S. João, do Porto, trabalhò uma companhia franceza de operetta, companhia em que nos appareceu uma deliciosa actriz, Mariette Sally, que pelo seu talento, pelo modo adoravel como desempenhou *Veronique*, *P'tites Michu*, *Miss Helvete* e *La cigale et la fourmi*, nem quasi nos deixou no-

tar que, a não ser o tenor Dambrine, o resto da companhia era formado por artistas de muito contestavel valor, comquanto madame Coyte pela sua plasticidade e pela sua voz nos fizesse crer que se pode com verdadeiro prazer assistir a um *Boccacio*, a um *Barba Azul* e a uma *Grand-Duquesa* mal desempenhadas por uma linda mulher.

No Colyzeu dos Recreios uma companhia de opera lyrica sabiamente organizada por Santos Junior faz as delicias dos amadores, fazendo-lhes ouvir, muito bem cantadas, muitas das operas que elles já ouviram multo mal cantadas no S. Carlos.

E, enquanto não parte para o Brasil, Sousa Bastos na Avenida dá-nos o *Talvez te escreva* e vai dar-nos o *Noivado de Merluche*, e o *Gymnasio* com as ultimas recitas da *Ama secca*, em que Telmo tem um papel esplendido, prepara-se para representar o *Secero*, comedia de Eduardo Garrido.



O actor Telmo na *Ama secca* (THEATRO DO GYMNASIO)

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 50

Páginas suplementares: Off. Estêvão Nunes & F.ª

Rua d'Assumpção, 18 & 24

Romance: Typographia Castanhêiro

Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayma Victor, Lorjé Tavara

Editor

Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua do Carmo, n.º 15, 1.ª

LISBOA

Endereço telegraphico—BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	6000	Anno.....	7000
Numero avulso.....	2000	6 mezes.....	3500	6 mezes.....	4000
		3 mezes.....	1800	Numero avulso.....	1000
		Numero avulso.....	350		

SUMMARIO

O leilão do palácio Foz — ADEL BOTELHO.
Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
Saude das Açores — ALFREDO DE MESQUITA.
O lar de Jenny — VERSOS DE EÇA DE ALMEIDA.
Matô — RAUL BRANDÃO.
O cruzador «Rinhão D. Amelia» — PEDRO DINIZ.
Cartas á uma prima — MANUEL PENTEADO.
Modas.
Theatros.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Capas para o «Brasil-Portugal».
Tauromachia — EGYDIO DE ALMEIDA.
O «Brasil-Portugal» em Lourenço Marques.
O NOSSO JORNAL — (A quinquena noticiosa).
Cartas da Quinquena.
Anecdotes.
O Cego, romance de PEREZ GALDÓS.

30 illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem 14 os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — (Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Fupo de Moraes e José Martins Follo, Rua da Alameda, 4, sobrado).
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
PARAÍBA — J. B. dos Santos & C.ª — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 50.
PARANÁ — Jayma & Camara — Livreria Classica — Rua Guilherme Moreira.
PARANÁ — Leoncio J. da Medeiros & C.ª
PARANÁ — Sales Torres & C.ª
PARANÁ — José Luis da Fozosa Magalhães (Livreria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 38.
PERNAMBUCO — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana) — Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
MOÇAMBIQUE — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUEILANE — Henrique Jorge de F. Neves.
HENGUELLA — Mathews & Tavares.

LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorena.
BOLAIA (Guiné) — Gasar A. Gouveia da Silva Homem, Thesoureiro geral da Provincia.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luis Franca — Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO — (Agente geral no Porto e no norte) Antonio Couto Fernandes, Rua do Almada, 45, 1.ª.
EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correira, Rua da Ladeira, 18.
BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA — Gama, Amarel & Com.ª.
COIMBRA — João Ribeiro Azobas, Arco do Ivo, 1.ª.
CAST. LILLO BRANCO — Pedro Augusto Fossas.
BRANCO — Antonio Augusto Salgueiro.
BRYAS — João Antonio dos Santos sobrinho.
AI COBAÇA — José Narciso da Costa.
PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde.
LEIRA — Manuel Ferreira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques da Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
CORUHEL — José Pereira Cabral.
TAVIEIRA — José Maria dos Santos.
FARO — Maya & Trigos.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de fornecer aos srs. assignantes do **Brasil-Portugal** capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e sendo a encadernação por conta da empresa, 1,200 réis cada volume.

Tambem se encarrega de encadernações de luxo a varias cores, por preços moderados.

No Brasil custa cada capa réis 5000.

Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou ás agencias do **Brasil-Portugal**.

TAUROMACHIA

Campo Pequeno

No dia 5 de maio vimos no Campo a 5.ª corrida da época, com touros de Manuel Duarte e o *espada* Antonio Reverte com seu sobrinho *Revertito*.

Não sabindo os touros perfeitamente bons para a lide, claro está que o trabalho dos artistas não teve o bom exito e o cunho da perfeição que elles quizeram imprimir-lhe, motivo porque José Bento e Fernando d'Oliveira não se tornaram tão ouzados quanto desejariam.

José Bento no seu primeiro touro, com cujo primeiro ferro brindou os officias do couraçado brasileiro *Floriano Peixoto* que assistiam á corrida n'um camarote de 1.ª ordem, foi prejudicado pelo cavallo que montava, por se negar á lide. No segundo touro exhibiu outra montada, e então brilhou um pouco mais.

Fernando, com uma correcção impecavel, farpou o 4.º e toureou o 9.º com conhecimento de causa.

O *espada* moveu os braços nos lances de capa com luzimento e brilho, e confiando-se com os *toritos*, que eram novos e puros empregou a moleta com mais frequencia e melhores resultados.

Bandarilhando e *matando*, satisfiz, mas não a nós que gostaríamos de ver definidos aquelles *queibros* com bandarilhas, que nem são *queibros* nem *topa carneros*. Aquillo é um mixto de uma coisa e outra, que, todavia, o publico applaude sempre.

Matando, entrou de largo (a passo de bandarilhas), e adquirindo balanço *sthus* rapido, sendo feliz na collocação do simulacro

Revertito d'esta vez portou se mais á altura do seu nome toureando de capa, de moleta e bandarilhando.

Estoqueando não nos agradou, como tambem se tornou digno de c-nura no conflicto de de collaboração com os forçados originou no final da lide da 4.ª touro.

O resultado foi *Pescadero* vêr-se em palpos de aranha para se livrar das almofadas que em grande abundancia lhe cahiram sobre a cabeça, e sobre quem estava nas proximidades da *intelligencia*, que no domingo estava algo estupido.

Conselho d'Amigo...
Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

Dois nosos quem melhor se portou com as bandarilhas foi Jorge Cadete, sobreshando tambem Manuel de Santos em muita coisa que fez alegrando e divertindo o publico.

O valente e fogoso rapaz *quibrica* na cadeira, sobre um lenço, *curvrou, emendou a viagem e... tratou de moleta*, mas n'isso estendeu-se.

Calabaça, Theodoro, e Torres Branco cumpriram como bons, andando Theodoro muito activo na preparaçao dos touros de cavallo.

Para terminar dizemos que a casa estava boa e que o boi dos forçados foi demittido por ter suscitado o tal conflicto do 4.º touro, sendo tambem multado pelo mesmo motivo o *espadim Revêrito*.

(6.ª corrida da época)

As 4.45 da tarde do dia 12 do corrente, depois de varios homens e senhores presentes, *Fressura*, enquanto se fizeram as cortezas, sahio 1.º touro de Estêvão d'Oliveira, negro, de corna alta, larga e grande, *mas tarso*.

Fernando prende um ferro sem quebrar, no sitio, Jorge Cadete dá o 1.º *capoteiro* e aquelle cavalleiro entra á meia volta á simula a sorte.

Depois de outro sahido em falso Fernando põe um ferro á meia volta e quebrando a tiro superior, (grande *ovação*).

A um ferro á meia volta segue-se a entrada do infante Sr. D. Alfonso, ás 4.50.

Faz-se uma pausa enquanto a musica moca o hymno da Carta, e Oliveira sae de sacia por não acudir o touro.

O artistico cavalleiro faz marcar o *markao* á força e emprega um bellissimo ferro á tira, que lhe vale uma *ovação* prolongada e chamada especial.

Theodoro e Cadete estiveram bem nos *quites*. Sae o 2.º, de corna curta larga, mas pequeno de corpo, e que cumprio comêdo.

Theodoro perde a gaiola e *curvica*, um par; Cadete sae em falso e deixa meio par avançado no terreno.

Theodoro atrai um par que fica, Cadete *sabaz-quilha* outro, em taboas, e termina com outro no mesmo estylo defronte do sector 4.

Raphael Molina (Lagartijo), trajando de vermelho e ouro salta tres lances com o capote, parando, e depois de um remate empunha a moleta e a qual dá 1.º passe com a direita, 1.º natural, 1.º baixo, 1.º da *moleta* (palmas), e com a direita boixo, 4 naturaes, e ainda com o touro em plena pose das suas faculdades atica um simulacro a passo de bandarilhas.

Sahiu o 3.º, negro meano de corna pequena que cumprio como bravo.

Torres deixa-lhe meio par á gaiola, Manuel ao ver que tem o seu terreno vencido sae em falso, e Lagartijo prevendo bo doado salta 3 lances (palmas), Manuel *curvica* depois um bono par, Torres Branco outro em que vae para traz com o impulso, e Manuel depois de uma perseguicao *emenda a viagem* para collocar $\frac{1}{2}$ par tambem bono. Torres anda até ao foincho da rez e deixa um grande par de frente e Manuel termina com um bono tambem, *emendando a viagem*.

Rafaellito com o capote lança 5 vezes, parando, e depois d'um remate lança mão da moleta e não a emprega porque o corrupto ficou coxo da *perna* direita.

A Simões Serra competiu o 4.º, em que depois de offerrecer a sorte de gaiola ao infante D. Alfonso empregou o ferro em uma sorte de *curvo superior* (*ovação*), em falso e prende de um ferro á meia volta. Depois de outra sahida impropicia, parte um ferro á meia volta junto do touro, com um toquo, e sahindo sem *pinchar* Manuel faz um bono *quite*. Depois de uma meia volta apertada e outra em que o ferro ficou desenteiro, conclue com um bono ferro á garupa em que acudiu ao *quite* Lagartijo menor, (palmas).

Vaeo depois o 5.º de corna alta e larga, delgado e bravo.

Lagartijo *lança* com 3 lances, e os seus *chicos* sangram com 4 pitres medianos.

O espadá emprega a moleta e começa com 1 de peito ajudado, 3 naturaes, outro de peito ajudado, 1 natural, 1 de peito, 1 em redondo, 4 naturaes e entra á *moleta* pela carta (palmas).

Eram as 5.30 da tarde. Segue-se o intervalo, e quando reentramos na praça ás 5.37, Vimos o 6.º touro, negro, de corna larga e dianteira já com dois ferros largos colgados por Fernando, que depois quebrou uma *farpa* á tira superior, enquanto Theodoro se adornava nos *quites* com *veronicas e fareollos*.

Depois d'uma tira superior o rei dos cavalleiros pede curtos e prende um ferro superior. Thomas e accessedo, e Fernando depois de um curto no alto repete com outro 4-tira, superior. (*Ovação e chamada*).

O 7.º touro, de corna dianteira e fechada, e tambem bravo.

Depois de Theodoro perder a gaiola, Lagartijo solta 3 lances naturaes e aquelle *bandarilheiro* crava 1.º par.

Filippe *quibra* antes de tempo e depois mette os braços divinalmente, colgando um par superior. (*Ovação*).

Theodoro atrai meio par, vencendo terra, e Filipe, depois de Manuel borrar uma *farpa*, larga outro par superissimo antes de Gonçalves concluir com outro no sitio devido.

Lagartijo abre o capote em 4 vezes, perdendo terra, e termina com um remate.

O corrupto não se deu os cabrestos para a péga de volta, e por isso ha *paus* ao *Peisadero*.

Aparece no *redondo* o 8.º, que se evidenciou com tendencias mansas mais pronunciadas, depois que os peões castelhanos o *recorriaram* a seu bello prazer.

Rafael Molina pega em bandarilhas e... mada. O homem não é *bandarilheiro*, e sim matador, no seu modo de *comportamento*.

Empunha a moleta, e tomando a rez, com um passe de *tanto*, solta um *moinete* e varios naturaes e de peito, ajudados, até ao numero de 7, não falando em *su mijita* de baile e em alguns meios passes, que serviram de preludio a um *volapié* largo e buscando a terra que lhe estava a estorbo.

Foi chamado depois o Rocha, que á este touro deu o salto de *taça*.

Aparece-nos depois na liça o 9.º, que era negro meano, de armas altas e tambem fechadas, mas indo pela certa contra os vultos.

Serra, depois d'um *falhanço*, vê Theodoro e Manuel *abrem o cabano*, e sangra com um ferro á meia volta.

Entra, e quando ia para realizar uma garupa, Lagartijo tira-lhe o touro ignorantemente.

Repete uma meia volta, que, por não consentir, resulta um *brinco*, estala um ferro á garupa, de compromisso com *mouche*, e termina com outra, que se applaudiu.

Encerra a sessão o 10.º, de corna dianteira e alta, que honrou o nome dos manos Oliveira, campeão de *taças*.

Cadete perde a gaiola; Lagartijo perde tambem o capote ao dar dois lances, e é avisado por *Peisadero* de que não p \dot{e} estender o *percal*.

Jorge entra e castiga no ponto sensivel com um par bono, e depois vimos Manuel *sabir* das vezes em falso.

Volve a entrar e com valentia chega até á cara, cravando meio par á força, enquanto Cadete dá fim á liça com meio par á meia volta.

Lagartijo Junior perde o terreno em 3 *veronicas*, e depois de a rematos *3 largas*... artificias acaba com a liça.

Eram 6 e 35 da tarde.

E. D'A.

A nossa agencia em Manaus

Seio de hoje em diante nossos agentes na florenciente capital do Amazonas os sr. Jayme & Camara uma das mais acreditadas firmas em aquelle Estado.

Veeem substituir o sr. Augusto Fohlshelde, que por excesso de *afaires*, deixou a nossa agencia de *commum accordo* com a empresa, que lhe reserva os seus agradecimentos pelos valiosos servicos que lhe prestou.

Entrê espousos:

Um deputado entra em casa ás 6 horas da manhã e *apoz* faz-lhe uma senca *terível*.

—Minha querida, não te angustias—juro-te que venho da Camara.

—Que estas horas?

—As queras? O presidente esqueceu-se de fechar a sessão.

Antes do combate!

Um official, vendo um soldado a tremer como varas verdes, pergunta-lhe:

—Porque tremes?

—Ah! responde o soldado, o meu corpo treme prevendo os perigos a que a minha coragem va expôr.

O BRASIL-PORTUGAL em Loureço Marques

Do *Portuguez* jornal, que se publica em Loureço Marques, transcrevemos o seguinte artigo, que muito agradecemos ao nosso estimado collega do Ultramar:

«Com o n.º 49 entrou no terceiro anno da sua publicação, esta importante revista illustrada que com a maior regularidade se publica em Lisboa sob a direcção dos distinctos homens de letras sr. Augusto Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares.»

O nome do conselheiro Augusto de Castilho é de mais conhecido e respeitado em toda Africa, onde o seu talento, as suas altas qualidades e os relevantes servicos que tem prestado ao seu paiz lhe grangearão a mais elevada estima e consideração.

Jayme Victor e Lorjô Tavares, são dois jornalistas distinctos que pelo seu trabalho e pelos altos dotes de intelligencia, tem conquistado os logares mais proeminentes na lusa imprensa.

Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares, os tres illustres directores da empresa *Brasil-Portugal*, têm enviado os maiores esforços, não se tem poupado a nenhuns sacrificios para collocar a sua importante Revista na altura em que hoje se encontra e á medida que promovem o desenvolvimento da sua publicação, estudam a melhor maneira de a pôr ao alcance de todas as bolsas e levar á todas as cidades a revista *Brasil-Portugal* que tão generosamente tem sido acolhida por todos os povos que falam a bella lingua de Camões, já barateando a cada vez mais, de anno para anno, já offerrecendo aos seus numerosos leitores lindissimos brindes.

Temos na nossa mesa de trabalho alguma numero d'esta esplendida Revista illustrada e estamos a escrever sob a bella impressão que a sua leitura produziu em nós. É uma obra prima, unica no genero em Portugal e que rivalisa com as melhores do estrangeiro. Veeem-se no *Brasil-Portugal* artigos dos nossos melhores escriptores da terra como Raimundo Orjô, Eça de Queiroz, e outros, isto de mistura com uma grande variedade de gravuras muito nítidas, muito perfectas que provam a evidencia os mercedos creditos de que goza a casa Pires Marinho & C.; a impresso é esplendida o que honra sobre maneiras a Companhia Nacional Editora; o papel é de mais superior qualidade; emfim o seu conjunto é um primor digno de figurar em todas as exposições de arte, nas quaes com certeza obteria um dos primeiros premios.

Et' um terceiro anno da sua existencia a empresa do *Brasil-Portugal* reduziu muito o preço da assignatura e alem d'isso offerrecer aos seus novos assignantes, como *bonus*, o *almanach do Brasil-Portugal* para 1901.

É um elegante volume de 300 paginas em papel de luxo contendo cerca de 500 gravuras, illustrações de artistas de nome, artigos, versos, aneddotas e perto de 50 interessantes juras do anno firmados por outros tantos nomes.

Além do *bonus* a que nos referimos, os assignantes de anno tem direito ao brinde final.

Excusamos de estar a encarecer as vantagens que a empresa *Brasil-Portugal* offerrecer aos assignantes de sua revista e limitamo-nos a aconselhar aos nossos leitores, que a comprêm, certos de que lhes prestamos um bono servico.

E corresponde da empresa n'è a provincia o nosso bono amigo D. Bernardo de Lorena, amigo particular de um dos directores do *Brasil-Portugal*.

O sr. D. Bernardo de Lorena, que se encontra nesta cidade dá todos os esclarecimentos aos que quiserem assuar a revista e aceitar qualquer reclamação que tenham a fazer em virtude assignantes do *Brasil-Portugal* residentes n'esta provincia.

Terminamos este artigo agradecendo ao nosso amigo D. Bernardo de Lorena a sua extrema gentileza em nos offerrecer em nome da empresa alguns numeros de tão importante revista.

No Hospital:

Um creudo entrando no gabinete do medico de serviço:

—Sanhor doutor, está ali um mudo que lhe deseja falar.

O CARTAZ DA QUINZENA

ção da opereta, em 3 actos, de Leterrier e Vanloo, *Guardadora de gamos*, traducção do sr. Arthur d'Azevedo, que se está ensaiando para beneficio da actriz Amélia Lopiccolo.

Os papellezinhos distribuídos assim:

Florinda	Amélia Lopiccolo
Rosalina	Delphina Victor
Campistral	José Ricardo
Anselmo	Francisco Costa
Muscadell	Gomes
Farandol	Telmo

✦ Para 23 está marcado o beneficio do actor José Ricardo, com o *Homem das mangas* e o *Amor londrino*, desempenhado por elle e pelo actor Taborada.

✦ A companhia faz a sua despedida no dia 30, iniciando no dia immediato os seus espectaculos uma companhia de zarzuela, dirigida por Maria Gonçalves (a *Portuguezinha*) e pelo actor Julio Nadal.

Gymnaso — Estão muito adiantados os ensaios do *Seyno*, original de Eduardo Garrido, que se representa, a 18, em beneficio do actor Soller.

Entram n'esta peça, além do beneficiado, os actores Cardoso, Ignacio, Telmo, Marcellino, Sarmiento, Annibal, Antonio de Sousa, e as actrices Sophia Santos, Josepha d'Oliveira, Palmyra Torres e Palmyra Ferreira.

✦ Este theatro fecha no dia 30.

Rua dos Condes — Reabre brevemente com uma companhia dirigida por Eduardo Fernandes (*Escapulo*) e o maestro Dias Costa, sendo a peça da estreia um original do primeiro com musica do segundo, *Os francezes no Buzaco*.

S. Carlos — Reabre as suas portas para uma festa de estudantes, em beneficio da sua caixa de socorros.

Além de monologos e cançõetas pelos melhores artistas dos nossos theatros, representava-se uma rapaziada de Schwalbach — *A aldeia dos cuacos*, musica de F. Duarte, desempenhada por dois estudantes em travestis, ensaiados pelo actor Valle.

D. Maria — Está fechada.

D. Amélia — Depois d'uma tournée pelas provincias, e companhia Rosas & Brazão volta a representar *O castello historico* e *A Lagartixa*, até á estreia da comedia de Blumenthal e Radolbourg, *Viagem á Turquia*, traducida por Acaacio Antunes.

A temporada finda a 15 de junho, devendo estrear-se antes d'esse dia o novo original de D. João da Câmara, *Alfeta na corte*.

Durante a época de verão, virá occupar o theatro uma companhia de zarzuela.

Trindade — Intercalando com beneficios marcados já, *O bico do parangiso* continuará em scena todas as noites até á primeira representa-

ção da companhia fazem parte as actrices Adelaide Reis, Luz Velloso, Christina Tapa, e os actores Roque, Oliveira, Miranda e Carlos Leal.

Até lá, um grupo de amadores representa a magica em 3 actos, *Rosa encantada*, original do sr. Assumpção de Sousa, com musica do maestro Joaquim Gomes.

Avenida — No dia 18 a ultima, em beneficio do actor Antonio Gomes, da opereta em 3 actos de Leterrier e Vanloo, *O noviado de Merluchet*, traducida pelo sr. Bruno de Moura.

A companhia despade-se do publico com o *Boneca*, d'Audran, e parte para o Rio de Janeiro no dia 23.

Da companhia escripturada por Sousa Bastos, e que fica a funcionar na época de verão, fazem parte Jesuina Marques, Elvira Mendes, Consuelo Cardoso, Ignacio, Eusebio de Mello e o maestro Philippe Duarte.

Principe Real — A companhia dirigida por Alfonso Taveira, depois das *reprises do Ramerrio, Mascote, Relogio magico e Aluc. á preta*, com que tem entretido e tenciona entreter a quinzena, organizará uma tournée pelas provincias.

A actriz-cantora Dolores Rentini foi novamente escripturada para a companhia, reaparecendo na revista de Guedes d'Oliveira, *Ali... á preta*.

Colyseu dos Recreios — A *Bohème*, de Puccini, foi a opera que até agora melhores casas tem dado á empreza, voltando a cantar-se, intercalada com a *Dinorah, Giocconda e a Hebraica*.

Para o dia 25 está annunciado *os Palhaços*, com as recitas seguintes, *os Partizanos, Fausto, Huguenotes e Africana*.

A *Serrana*, de Alfredo Keli, já entrou em ensaios de apuro.

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

A situação politica

Deve hoje ou amanhã accentuar-se na scissão da Câmara dos Deputados a scissão que ha muito estava latente no partido regenerador, entre alguns dos seus elementos mais importantes. O ex-ministro conselheiro João Franco Castello Branco, desde o principio da sessão se mostrou frio para com o governo que havia declinado a direcção da maioria parlamentar, e ao falar pela primeira vez na discussão da proposta sobre as Concessões Ultramarinas, mostrou divergir logo do proceder administrativo do actual gabinete. O mesmo succedeu no projecto das promoções no exercito. Vem agora á discussão a proposta da Contribuição predial, e um deputado da maioria o sr. Malheiro Reymsio abre o debate, atacando a vivamente a este chefe do partido regenerador, e censurando a attitude do seu amigo correligionario, põe a questão politica, cortando pela raiz uma indisciplina partidaria qua la lavrando demasiado e que se continuava poderia custar a vida do ministerio. O discurso do Conselheiro Hintze Ribeiro, vivo e energico produziu impressão e no sessão seguinte levantou-se o Conselheiro João Franco para expôr os motivos porque discordava do projecto do governo, declarando, apesar das palavras do chefe do partido, que continuava a ser regenerador.

Então o sr. Presidente do Conselho respondeu-lhe um notavel discurso, que sente a attitude do seu antigo amigo que na politica entrou por

suu mão como subira nos conselhos da coroa, mas que acima de todas as sympathias pessoas conhecia o seu dever de chefe da situação e chefe do partido e de uma vez por todos, dizia que quem não estava com elle, estava contra elle, porque não ha governos de partido sem partido, nem partidos sem disciplina.

O resultado d'estes dois discursos será o dividir-se a maioria, ou antes delimitarem-se os campos. O sr. João Franco conta, diz-se com 25 deputados, mas haverá tres ou quatro abstenções, e o resto irá todo com o governo que ficará tendo 80 deputados seguros, mas uma maioria incerta por isso que será difficil reunir-a toda em sessões consecutivas.

Por este motivo fala-se em dissolução, sendo marcadas novas eleições este anno.

O que se não pôde negar é que da attitude firme do chefe do governo, resulta o enfraquecimento do partido, porque se accentua a dissidência de elementos de valor, mas resulta tambem e sobretudo a estabilidade do governo que com sua protecção mais forte fica, sabendo com quem pôde contar, sem desfallecimentos nem hesitações.

O contracto com o Banco de Portugal

A proposta que o sr. Ministro da Fazenda apresentou ao parlamento, auctorizando o Governo a modificar o actual contracto com o Banco de Portugal, funde-se nas seguintes bases que acompanham a lei:

1.ª — O capital social do Banco será definitivamente fixado em 13.000.000 réis.

2.ª — A partir do anno economico de 1911-1912, o credito do governo, em conta corrente, será de 41.103.000.000 réis, sem encargo algum, ficando incorporados n'esta conta os dois debitos do Estado: um de 8.000.000.000 réis, por contracto de 14 de janeiro de 1893; o outro de 6.103.000.000, saldo actual do contracto de 4 de dezembro de 1891.

3.ª — Parte do ouro que constitue a reserva metallica do Banco poderá, com previa authorização da assembleia geral do mesmo Banco, ser invertida em titulos de primeira ordem; não podendo, porém, a reserva metallica ouro ser, em caso algum, inferior a 3.000.000.000 réis.

4.ª — O fundo de garantia da emissão será annualmente reforçado, com titulos em identicas condições ás indicadas na base anterior, no valor real de 100.000.000 réis.

a) Os juros d'estes titulos serão annualmente capitalizados, pela mesma forma e para o mesmo fim indicados n'esta base.

5.ª — O Banco poderá empregar, conforme o erando o conselho de geral, quer das suas transações ordinarias, quer na compra de titulos de credito, uma somma igual a da prata que actualmente possui, ou representada por notas convertiveis em prata, até á importancia de réis 6.000.000.000.

6.ª — As notas de 500, 1800 e 2500 serão retiradas da circulação, lavando-se em prata a troca aos respectivos portadores.

7.ª — A contagem do juro pelo emprestimo de 8.000.000.000 réis, de que trata a base 2.ª, cessará desde a data da assignatura do respectivo contracto; a dos juros relativos á quantia de 6.103.000.000 réis, designada na mesma base, terminará quando findar o prazo para a troca das notas a que se refere a base precedente. Este prazo não p. derá ser superior a seis mezes.

8.ª — A partilha do governo, por metade, nos

lucros do Banco, será sobre o saldo que ficar, deduzidas as quantias para encargos, honorários á direcção, fundos de reserva, fundo de garantia e 8 por cento de dividendo para os accionistas.

10.º — As despesas feitas com o fabrico de notas, por motivo da sua falsificação, serão no fim de cada anno rateadas entre o Banco e o governo, na proporção da importancia do seu debito pela conta corrente, e a restante parte da circulação fiduciária no ultimo dia de dezembro.

11.º — O governo fixará, de accordo com o Banco, todas as mais disposições relativas á sua organização e exercicio de funções do delegado do governo junto do mesmo Banco e á fiscalisação da emissão fiduciária.

12.º — As disposições do novo contracto não poderão soffrer previewção alguma durante o prazo de dez annos a contar da data da assignatura do mesmo contracto, e, depois d'este prazo, só por accordo entre o governo e o Banco, sem que isto importe alteração do periodo do privilegio exclusivo de emissão de notas, que continuará a ser fixado no contracto organico de 10 de dezembro de 1887, conforme a lei de 29 de julho do mesmo anno.

13.º — Se o governo não chegar a accordo com o Banco, deverá exigir-lhe o cumprimento de todas as condições que pelos contractos vigentes lhe são impostas.

As congregações religiosas

Constituiu-se na capital, sob a presidencia do ex-Presidente do Conselho o sr. José Dias Ferreira, a *Junta Liberal*, composta de medicos, negociantes, e varios homens politicos:

1.º — A assembléa não quer associações religiosas, nem sem licença nem com licença da autoridade.

2.º — A assembléa pugna tambem pela liberdade de imprensa e pela liberdade de reunião, já pelo valor em si d'estas garantias liberaes, já porque sem ellas não pôde a assembléa exercer com proveito publico a sua propaganda constitucional.

3.º — Empenhará igualmente todos os seus esforços para ser a liberdade pessoal do cidadão, o mais sagrado de todos os direitos do homem e a que todos os outros direitos servem apenas de garantia.

4.º — Tambem repugna indispensavel a reorganisação do ensino em todos os seus ramos, assentando sobre bases as mais liberaes

Na primeira d'estas resoluções houve um erro. Não é associações que a Junta não quer; é congregações Como se vê, começa mal.

A commissão executiva ficou constituída, conforme fôra organizada pela commissão installadora, pelos srs: dr. Miguel Bombarda, presidente; conselheiro Carvalho Pessoa, conselheiro Silva Amado, dr. José Antonio Serrano, professor Thomaz Cabreira, Luiz Philippe da Matta, Mario Lino, Joaquim Dias Ferreira e dr. Esteves da Fonseca, secretario.

Uma grande caçada

El-Rei esteve durante uns poucos de dias em Ferreira do Zezere, acompanhando pela sua comitiva, caçando aos javalis. Neste concheio e freqüências proximas, assim como em Thomar, foi o soberano alvo de entusiasticas manifestações de sympathia. O povo levantou-lhe vivas e as senhoras lançaram-lhe flores, recebendo os pobres muitas esmolas. Em Thomar recebeu S. M. os cumprimentos do general de Pinaenar, e ajudantes, emigrados n'aquella cidade.

O couaçado «Floriano»

Os ultimos dias da demora do couaçado brasileiro no Tejo foram menos movimentados. Destinados á redistribuição de visitas e a algumas festas mais intimas, o seu commandante o sr. Huet Bacellar, não quiz levantar ferro sem regressar a Lisboa. El-Rei, que tinha ido dias antes a uma caçada aos javalis.

Alguns officiaes estavam n'um *pic-nic* no Alentejo, organizado pela familia Seruya. N'essa mesma noite foi-lhes offerecido um concerto em casa do capitão do sr. Antello de Faria Mar. No dia seguinte houve a bordo um almooço offerecido ao sr. ministro da marinha, e ao qual assistiram, além de sua familia, varios officiaes superiores da armada. Depois do almooço houve *matinée*, que durou até á noite, em que a officialidade assistiu a um espectáculo que lhe

foi offerecido no theatro do Principe Real, onde representava uma companhia de zarzuela.

Antes da partida, a officialidade foi ao Paço apresentar aos soberanos as suas despedidas, e o sr. Bacellar dirigiu ao Presidente da Associação dos Jornalistas uma carta, mostrando-se muito satisfeito e reconhecido pela recepção que Lisboa lhes fez.

Salão artistico

O acontecimento artistico da quinzena foi a venda dos objectos que guardavam o antigo palacio Castello Melhor, na avenida da Liberdade, propriedade hoje do Marquez da Foz. Essa venda fez-se por partilhas pelo fallecimento do Sr.º Marquês.

Arremataram-se entre outras estas preciosidades:

Um grupo de *Miscuit* de Buen Retiro, attribuido a um escultor do seculo XVIII, proveniente do palacio real d'Aranjuez, 630.000 réis.

Um pequeno reliquo de parede guardado de bronzes dourados, época Luiz XVI, trabalho feito por Manuel Rivas, em 1795, na fabrica Real de Madrid, 135.000 réis.

Um retrato sobre tã, representando tres pessoas de familia e em moldura de ouro guardada de perolas, 101.000 réis.

Uma secretaria de pau santo e rosa, guardada de bellas bronzes dourados, época Luiz XVI, 205.000 réis.

Dois quadros a oleo sobre cobre, pintura de Pietro, 108.000 réis.

Os retratos de Maria Antonietta e Princesa de Lamballe, a pastel de La Tour, 200.000 réis.

Um quadro de Charles Corpey, representando um grupo de creanças n'um *toilette*, réis 112.000.

Um serviço de porcellana da India de 270 peças, 120.000 réis.

Um retrato de Eleonora Strozzi, dama de honor de Catharina de Medicis, pintura de Pulzone, denominado o Van-Dyck italiano, 620.000 réis.

O grande quadro «A vendadora de fructas e legumes», assignado Sneyders, 1.510.000 réis.

Dois grupos em mármore, de Paris, representando o mito o Fogo, a Terra e as Tres Virtudes, trabalho do escultor italiano Bertholdo, mestre de Miguel Angelo, 1.310.000 réis.

Um lustre em cobre para 18 velas, tendo na parte superior a figura de S. Miguel, trabalho francez do seculo XVI, 500.000 réis.

Uma trompa de caça com desenhos em marfim, 81.000 réis.

Dois sofás da India em ramagem azul, réis 505.000.

A cadeira senhorial de braços e docel, em nogueira, com o fundo estofado, soberbo trabalho de talha, devido ao notavel artista portuguez Leandro Braga, 190.000 réis.

Um antiquissimo capacete guerreiro, de quatro seculos, 91.000 réis.

A *pisine* de porcellana da China, uma peça rarissima, 52.800 réis.

Dois sofás de sala de baile, 505.000 réis.

Dois grandes peanhas, com candelabros, réis 1180.000.

Um par de candados de louça da India, do mais famoso conhecido, 680.000 réis.

Uma poncheira, tambem da India, 450.000 réis.

Uma grande *virine*, soberbo trabalho do nosso insigne entalhador escultor Leandro Braga, em estylo Luiz XVI, e copia d'um movel do Garde-Meuble Francez, 1.000.000 réis.

Dois grupos de bronzes, marchada de marfim e sendo os pés elephantas, 205.000 réis.

Dois grupos de porcellana allemã, 270.000 réis.

Uma colcha da Persia, 385.000 réis.

Tres cadeiras de braços em madeira entalhada, Luiz XV, 450.000 réis.

O Primeiro de Maio

Correu sem alteração de ordem em todo o paiz. Em Lisboa houve o usual cortejo até o cemiterio dos Prazeres, a cobrir de flores o tumulo de José Fontana, mas menos concorrido d'esta vez. Em compensação, se não havia tantos flores como nos outros annos, os que appareceram eram de melhor gosto, sobresahindo o dos jardineiros. Os outros tres eram: do Centro Operario; dos botecqueiros, e dos manipuladores de sabão. Ramos de flores é que havia muitos e rara era a corporação operaria que não trazia ao menos um.

No cemiterio, discursaram o operario Sousa Neves, em nome do Centro de Lisboa e Azedo Gnecco, propagandista das associações, e socialista muito cotado entre os collegarios.

O Centro Operario dirigiu a varios homens de letras uma consulta sobre a manifestação social que no dia 1.º de Maio se celebra por toda a parte. Uma d'essas consultas, firmada pelo sr. dr. Theophilo Braga, é esta:

«*Ill. mo e Ex. mo Sr.* — Respondendo á consulta do digno Centro de Lisboa, de 24 de maio corrente, sobre as fórmulas da manifestação do 1.º de Maio, exporei com brevidade o meu sentimento e convicção.

A classe activa que vive pelo trabalho productivo e pacifico, constituindo o mais poderoso elemento da ordem fundada na civilização moderna, carece de alliar-se com a classe pensante para que a ideia e a acção realizem os progressos entevistos, mas sempre illudidos por camadas privilegiadas e parasitarias.

Emquanto estas duas forças vivas estiverem separadas, o elemento operario ou activo esgotar-se ha em agitações sem plano; e os pensadores discutirão no vazio, dando-se o espectáculo fatigante de um seculo, como o seculo XIX, sem que as reformas sociais e politicas, inherentes ao nosso estado mental e social, fossem conseguidas.

O dia 1.º de maio, como praso em que todas as populações obreiras fraternizam e saudam internacionalmente a causa do Trabalho e do seu desenvolvimento pacifico e um bello successo, commovente e significativo.

Como sentimento, necessita de fórma que o exteriorize, exprimindo as aspirações e a união do operariado. Paradas, carros triumphaes, cirios, deslambraes, mas não produzem a lição que edifica. Mais tarde deverá ser um grandioso espectáculo por ora tratando de ligar os pensadores e os trabalhadores, basta.

— Que no dia 1.º de maio, entre todas as patrias operarias da Europa, se troquem mensagens, consignando as aspirações sociais e politicas e os compromissos concudentes á sua realisação.

Que em pequenos banquetes, como as *Chitas* e *Symphias* antigas, sejam os brindes as affectuações das classes activas, imprimindo-as e distribuindo-as para se ineditem.

Que os pensadores sinceros redijam essas mensagens internacionaes e brindes locais, começando ahi o acto de mutua confiança, de que resultará a força que tornará as aspirações effectivas. Lisboa, 27 de maio de 1901. — *Theophilo Braga.*»

Nos arredores de Lisboa, grande numero de associações reuniram em sessões solennes, festejando essa data.

— No Porto o cortejo foi tambem muito concorrido. Durante o cortejo houve muitos vivas á liberdade, aos operarios, ao 1.º de Maio, ao proletariado, e gritos de abaixo os jeuitas e abaixo os reactionarios, vivas e gritos que redobramam á passagem em frente do palacio Pestana, que conserva ainda os vidros das janellas partidos. O cortejo, que se dirigiu ao cemiterio de Repouso, só parou junto da sepultura do anarchista Alfredo de Castro, fidalgo da casa real de Sousa e Custodio de Macedo Andrade. No cemiterio de Agramonte tambem houve identica manifestação, discursando Thomaz Gasparinho, Francisco Rocha e Thomaz Gomes da Silva.

— Pelas provincias houve alvoradas, musicas pelas ruas, sessões solennes, etc.

O ideal dos manifestantes — 8 horas de trabalho por dia.

Casamentos

Casaram em Lisboa, o illustre clinico Dr. Cupertino Ribeiro com a sr.ª D. Lucia Lambertini Pinto, irmã do secretario da legação portuguez em Roma, o sr. dr. Lambertini Pinto; o 1.º tenente de marinha Fernando Vieira da Silva com a sr.ª D. Rachela Swart; o sr. Eduardo Jorge Teixeira Diniz com a sr.ª D. Ederinta Pereira; o sr. Antonio Oliveira Bello com uma das filhas do deputado e escrivor o sr. Christovam Ayres, D. Valantina, sobrinha da grande escriptora Maria Amelia Vaz de Carvalho; o medico da Casa Real dr. Arthur Ravara com a sr.ª D. Maria José Trigo; o sr. Joaquim A. de Barros Vergolino com a sr.ª D. Joaquina Villa Nova de Vasconcellos.

VARIAS NOTICIAS

Lisboa—Tomou posse da igreja da Estrella, o novo prior da freguesia da Lapa, rev. Domingos Manoel Fernandes Nogueira, recebendo a porta pelo prior encommendado e pelas irmandades. Na capella do Santissimo recebeu a chave do sacario, subindo depois ao pulpito, fazendo uma allocucao de agradecimento a todos os que assistiam á sua posse. O templo estava ornamentado. Agradeceu ao sr. Presidente do Conselho e Ministro da Justica.

—**Para Benquella** partiu a bordo do *Zaire* o presidente da Associação Commercial o sr. Antonio de Souza Lara, que se acompanhara na sua viagem commercial pelo sr. José da Fonseca Costa. Antes da partida do vapor, foi offerecido na sala de jantar uma taça de champagne sendo o primeiro brinde ao sr. Lara levantado pelo vice-presidente do Centro Colonial a que aquelle cavalheiro tambem preside e que tem prestado já ás colonias serviços importantes.

—**Foi para** o sr. Thomé o sr. Joaquim dos Santos. Consta que se estabelecerá allí residencia como empregado nas propriedades do sr. Amaral.

—**Tem vindo** visitar a capital, com authorizacao do governo, alguns dos officiaes boers que estão refugiados no nosso paiz. Nessas visitas tem sido acompanhados de officiaes portuguezes.

—**Aderam** umas pillas de madeira de pinho que havia no aterro, pertencentes á Companhia Carris de ferro para assentamento dos novos rails da tracção electrica. O fogo destruiu uns 10,000 troncos o que equivale a 10 contos. Parece que foi motivado por brincadeiras do rapazião, pois o fogo rompeu ao mesmo tempo de dois lados.

—**Suicidou-se**, precipitando-se na fonte da Taldeja, em Almoagor, Gertrudes Valente.

—**No predio** da rua das Salgadeiras onde morreu ha annos o professor do conservatorio Augusto Neuparth, foi collocada uma lapide commemorativa, por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores. Foi uma cerimonia tocante. Neuparth era um extraordinario concertista.

—**Victima** de um tetano falleceu o redactor do *Seculo*, Augusto Peixoto. Atribue-se o mal a ter comido um morango que apanhou no quintal, cujo terreno havia sido na vespera adubado com estrume de cavallo.

—**Abrido** Nacional de exposicão promovida pela Sociedade Nacional de Bellas-Artes, contendo, além dos trabalhos do fallecido professor Ferreira Chaves, quadros dos principaes pintores, como Salgado, Malhõs, Vaz, Columbo, Greno, Colaço, etc.

—**O capitalista** José Rica Junior doixou testamento feito em 1891, declarando ser natural de Vila-seca e casado com a sr. D. Maria do Carmo Ribeiro da Cunha, de cujo casamento tem uma filha, a sr.ª baronessa de Samora Correia, sua herdeira. A terça ficou á viúva.

—**O sr. conselheiro** Mattoso Santos, quando ha dias regressava do Paço, onde tinha ido á assignatura real, na sua carruagem, uma das rodas cahiu na rua do Arsenal, e os cavallos, esmagados e caidos com a sr.ª D. Maria do Carmo Ribeiro da Cunha, de cujo casamento tem uma filha, a sr.ª baronessa de Samora Correia, sua herdeira. A terça ficou á viúva.

—**O sr. D. Marianna** Carancini, chegada do Brasil no mez findo, no vapor *Magdalená*, tendo estado no Lazareto dois dias, deu por falta de 32 libras em ouro e uma letra de 150,000 réis sobre o banco logez.

—**As suas** declarações foram confusas, mas o inspector do Lazareto não quiz deixar de participar o caso á policia, que nada descobriu.

—**Final** a letra achou-a essa senhora dentro de uma das suas malas, onde tinha tambem muitas joias.

—**Com respeito** ás 32 libras, ou é engano, ou não se apañou já o ladrão.

—**Partiu** em breve para o estrangeiro, a soffrer um grande arañjo, o couraçado *Uscá da Gama*, commandado pelo sr. conselheiro Ferreira d'Almeida.

—**Este navio** está muito antiquado e tem a artilheria já demodee.

—**Chegou** ha tres dias ao Tejo o *yacht* inglez *Leander*, que vem disputar a corrida internacional, que ficára adiaada da festa do centenário da India, por causa do tempo.

—**Pertence** esse barco a sr. Rupert Guinness, e correrá com o *Lia*, de S. M. a Rainha, e a *Táide*, do sr. Antonio Praia, disputando os tres o premio, que é uma artistica taça *Táico da Gama*, premio da commissão do centenário.

—**O vapor** *Alvaro de Gaminha*, construido em Hamburgo, para serviço privativo das ilhas de S. Thomé e Príncipe, mede 45 metros de comprimento, tendo os porões uma capacidade de carga de 400 metros cubicos.

—**A machina**, de triplice expansão, desloca 350 cavallos com 150 rotações, dando ao navio a velocidade de 10 milhas.

—**Tem** duas caldeiras de chamada *investidora* e que podem trabalhar a 12 atmosferas, e os paioes de capacidade para 45 toneladas de carvão.

—**Avante** ha o castello e o ré o tombadilho, sob o qual esto os camarotes dos officiaes, camara e cabalo de banho, 4 camarotes e 4 salchichas para passageiros; e o castello os alojamentos da guarnição, 5 rgentos e machinistas.

—**Sobre** a escolilha, abrigo da machina, fica a ponte de navegação, na qual está a agulha, leme e um projector de 1,000 velas.

—**Foi** illuminado a luz electrica.

—**Porto**—Uma rapariga de 17 annos, creada de servir, em estado adiantado de gravidez entrou para o hospital da Misericordia onde deu á luz duas creanças do sexo masculino, unidas pela cabeça em um só corpo. Tinham dois olhos, duas narizes, uma bocca, quatro orelhas, sendo duas unidas e duas separadas, dois braços e quatro pernas, a verdadeira monstruosidade.

—**A actriz** Iliana, que era uma das estrelas da companhia Taveira aqui em Lisboa, voltou a esta cidade em companhia de um, de entre tantos rapazes que a requestavam, ao qual ella distinguia nos seus galanteios. A avó chegou atraz d'ella, mas não a encontrou. Os dois pombos tinham já batido as azas dize-se que para os lados de Erasmundo.

—**O sr. Bispo** D. Antonio Barros retirou a licença de pregar ao padre Manoel Guimarães que se evidenciou ultimamente em varios sermões contra os jesuitas e outras ordens religiosas.

—**A colonia** hespanhola vae fundar um Club. Partiram de Espinho para o Rio de Janeiro os sr. Francisco Santos Franco e João Fernandes Franco e familias.

—**Na reunião** da assembléa geral da Associação Commercial foram approvadas as contas do anno findo e eleitos para os corpos gerentes os sr.ªs: Presidente, conselheiro Pedro de Araújo; vice-presidente, José da Silva Pimenta; 1.º secretario, Adão Sampaio Pinto; 2.º secretario, Guilherme Wandschneider; directores, Antonio Luiz Fonseca, Antonio Pinto Santos Junior, J. W. Burmeister, José de Bessa Pinto, José Domingues de Oliveira, José Teixeira da Costa Basto, Luiz de Andrade Valladares, Manuel da Costa Oliveira, Mathieu Lugan, Victor Maria Martins e William Tait.

—**Partiu** em carreira em construcção nos Guindões de Baixo, pertencente á viúva de Manuel Joaquim Vieira.

—**Coimbra**—Doutorou-se em philosophia o sr. Anselmo Ferraz, orando os sr. Bernardo Ayres e Alvaro Bastos. A academia não assistiu á cerimonia. Adão Sampaio Pinto, o novo doutor fazendo-lhe uma calorosa manifestação.

—**Chegou** o bispo de Macau, seguindo logo em companhia do seu amigo, o sr. Adriano Marques, para a quinta da Conraria, onde reside o dr. Maximino Mattos Carvalho, irmão do illustre pedrão.

—**Foi** pedrada em casamento a sr.ª D. Maria Benedicta Sottomaior e Borbo, filha do sr. Francisco Barbosa Couto e Cunha Sottomaior, de Estarreja, para o sr. João de Sande Ayres de Campos, filho do dr. Ayres de Campos.

—**Albergaria-a-Velha**—Vão começar os trabalhos da construcção do Caminho de ferro do Valle do Vouga que terá estadação a um kilometro d'esta villa, junto á estrada que vae de Aveiro a Vizeu.

—**Alcobaca**—Morreu um dos refugiados boers, W. Harding, natural da Alemanha. Victimou-o as febres biliosas. O corpo foi encommendado pelo commandante Grobler, cantando

n'essa occasião em côro todos os emigrados. Depois o prestito dirigiu-se para o cemiterio da villa. A frente, o feretro, conduzido por seis boers desobertos, o commandante Grobler, com os seus dois immediatos e o conselho do deposito de refugiados, seguido de todos os emigrados. Atraz do caixão, duas lindas corças de fillos naturais, offerecidas por alguns companheiros.

—**O commandante** Grobler fez uma pequena allocucao.

—**Alhandra**—Inaugurou-se uma associação de ensino livre denominada *Academia Popular Souza Monteiro*, homenagem dos conterraneos do fallecido medico.

—**Azambuja**—Os gatuos entraram a noite passada no escriptorio da fabrica de productos chimicos, na Povoas de Santa Iria, roubando réis 30,000, de uma gaveta.

—**Beja**—Suicidou-se José Silvestre Bap'ista, estudante, de 31 annos, natural de Safaro.

—**Chaves**—A acção que o sr. dr. Antonio Teixeira de Souza e outros intentaram contra a camara d'este concelho, acerca das aguas de Vidago, foi decidida na relação do Porto a favor da camara, sendo revogada a sentença proferida pelo juiz d'esta comarca.

—**Espinho**—O lojista Antonio José Pimenta Junior ao descer em bicycleta a estrada no lugar dos Castanheiros, em Esnoz, perdeu os pedaes, e a machina ia com tal velocidade que elle foi de encontro a um muro ficando com a cara muito ferida e a lingua cortada de um lado ao outro na parte superior, sendo preciso cosel-a a pontas narizes.

—**Mangualde**—Suicidou-se Bernardo Monteiro Basto, de 80 annos de idade, viúvo, natural de S. Thiago de Cascerilhas.

—**Mina de S. Domingos**—Chegou o sr. Conde de Pomarão director da Companhia exploradora d'esta mina.

—**Oliveira de Azemeis**—Casaram o sr. Caetano Marques de Amorim, engenheiro em Moçambique com a sr.ª D. Anna das Dores Guimarães, sendo padrinhos o pae da noiva e o sr. Simões dos Reis e madrinhas a mãe do noivo e a irmã da noiva. Depois do casamento, servido em casa da noiva, partiram os recém-casados para uma quinta em Contimil.

—**Portalegre**—O sr. arcebispo lançou a benção á Cruz monumental erigida no vertice do Monte da Penha, fronteiro á cidade. Nessa occasião cantaram cinco ou seis vezes o hymno da Cruz, letra do arcebispo, o dr. Motta e musica do sr. Francisco Perdigão, celebrando o sr. arcebispo missa campal e pregando o sr. conego Manuel Borges.

—**A noite** houve illuminações.

—**Prinã da Nazareth**—Em abril houve muito peixe. O seu valor calculou-se em perto de 18 contos.

—**Proença-a-Nova**—No testamento com que falleceu o coronel reformado José Carlos de Mello Minas aqui residente e natural de Campo Maior, no estado de solteiro deixa a D. Maria dos Prazeres Sequeira cinco ou seis vezes o hymno do predio situados em Proença-a-Nova, e a propriedade aos seus dois sobrinhos Manuel Jeronimo Minas Mocinha e João Rodrigues Minas Mocinha, em partes eguaes. Deixa mais á dita D. Maria toda a mobilia, roupas, louças, vidros e mais objectos que constituem a guarnição e generos de casa de sua residencia.

—**Institue** por unicos e universaes herdeiros do remanescente de seus bens seus dois irmãos, João de Mello Gamba e Minas e D. Maria Emilia de Gamba a Minas Mocinha, com obrigação de satisfazerem ao sr. José Antonio da Silva, a quantia que lhe é devido, e, caso os ditos seus irmãos não queiram receber esta herança com o dito encargo, passará então para a dita D. Maria dos Prazeres Sequeira, a quem a deixa com o referido encargo.

—**Santarem**—As ossadas das victimas do incendio que ha annos houve aqui no Club Artístico, na noite de terça-feira gorda, foram trasladadas para o mausoleo construido por subscri-

pção publica, em commemoração d'essa terrível catastrophe que tanto impressionou o paiz inteiro.

Um incendio destruiu a loja de mercaderia do sr. Francisco Nogueira, na rua Direita nº8, tendo-se salvo a familia pelas trazeiras do predio, e morrendo asfixiado o proprietario quando depois de ter salvo os filhos, voltára atraz a buscar um futo seu. Esta desgraça impressionou muito a população.

Tendo apparecido varias modas falsas de moda, dois e cinco botões em prata, sabendo-se pelo cartoeiro José Antonio da Silva que ellas provinham de uma frequency, a policia procurou Maria Elvira Gaspar, irmã de Pedro Gaspar, que já fóra preso no Sobral.

Entrando na casa em que ella vivia com a familia, a rapariga correu logo para uma casa de dentro, começando a destruir varias formas em gesso, mas a policia não lhe deu muito tempo. Algumas ainda se apañaram inteiras, assim como diversas modas, que eram feitas por meio de fusão.

Ha varios implicados.

Santo Thyro — Appareceu moribundo á porta de casa, Glodomiro, filho de Maria Catharina, creado de José Andrade, do logar de Argamil. Morreu quando era transportado para o hospital.

Suspeita-se que haja crime e está preso o paíro como suspieto.

Villa Velha de Rodam — Em Verves, uma mulher Maria de Jesus deu á luz tres creanças, nascendo a primeira n'um dia e as outras duas quatro dias depois.

Vivem todos tres.

Fallecimentos

Falleceram de 1 a 15 de Junho:
Líbora: Virginia Augusta Gonçalves, Maria Adelaide Neves Baptista, Gertrudes Emilia Nogueira da Motta, Miguel Carlos Augusto de Velasco, Mathias Antonio, João Antonio da Silva, Manoel João Montardinho, Maria de C. Neozio da Silva do Carmo, Maria do Conceição Oatimh Irs e Silva, Manoel da Silva, Viscondessa da Silva Vinha, Juliana Maria da Cunha, João Voz de, Antonio Vieira dos Santos, Vice almirante João Carlos de Brito Capello, Joaquim Philippe de Miranda, Antonio Januario de Almeida, Maria Victoria de S. Tiago Sousa, Palmira Isaura Gomes da Silva Marinho, Maria Isabel Pereira, João Antonio de Sousa, Theodoro Mendes de Jesus Galvão, Antonio Joaquim de Azeiteiro da Conceição Branco, Helena Canhada dos Santos e Silva, Luiza Martins, Carolina Christina Sarmiento dos Santos, Antonio Netto, João Eduardo de Azeiteiro, Joazeiro, Joaquim José de Larmo Peason, Maria Christina Sá Vinha, Joaquim José do Carmo Pena, José Joaquim de Moraes, Antonio do Rosa, Juan Navarro, Manoel Baylo, Antonio Ribeiro de Melo, Bertho Salazar, Eduardo Peres, Julia Max na Pimentel, Alice Augusta de Oliveira, Beatriz Sophia de Vasconcelos Correa de Barros e Iria, Lucinda Maria José de Rosa, João Antonio de Amorim, Lidovina Maria, João Francisco Valencia, Maria Amalia Monteiro d'Almeida Proestos, Danilla Rosa Pereira, Julio da Silva Vieira, Theresa de Jesus, Antonio, Joaquim José de Larmo Peason, Gertrudes da Conceição Alves Pereira, Feliciano de Paula Leite, Rita da Silva Esperanza, Francisco Rosa de Albuquerque, Julia Reúna de Almeida, Manoel Maria Filgueiras, Maria dos Remedios Besma Mata, Augusto Cesar Henriques, Maria Gertrudes Vieira Franco, Antonio de Oliveira Cunha, Maria da Nazareth Coelho, Joandina Bandeira da Cunha, Nuno Ribeiro de Carvalho.

Porto: Manoel José da Silva, Theresa Ovario, José Pereira Dias, Antonio Marques Alves Velloso, Venancio do Nascimento, Maria Theresa Santa Cruz, Joaquim Antonio da Encarnação, Arthur Martins e Yrberio da Silva, José Antonio Balhis.

Braga: José Costa, José Antonio Soares.

A bordo do Clyde: Antonio de Azeiteiro, de Santos, Artilho do logar de Guimarães Beza Dias, procedente do Rio. — No Lagarto: Antonio Martins Leal quarentenario do vapor "Corilhão".

Canices: Maximo Macario Pereira, canda da Inojqueira, Vicente dos Santos Roque.

Benevolos: José José Antonio de Carvalho, Loures: José Rodrigues Machado.

Alpedregas: Maria Santa Anna Gallado, Leiria: Pedro Antonio de Figueiredo.

Braga: Carlos Maria Cabeça, Maria Carolina Abrantes Gouveia, Lourenço Botelho Sotio Cayrol, José Joaquim Bertin Junior.

Acocheite: Luiz Lopes de Figueiredo.

Arnamar: Henrique Cardoso.

Extremoz: D. Maria do Carmo Freitas.

Aveiro: Vincente da Silva Xist, D. Leonor Casimira Pe-

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

VI

Futilidades

— Mentiras, não. Verdades ensinadas pela fé e razão, minha querida Nela. Na tua imaginação ha muitos erros grosseiros, mas eu os destruirei, e pouco a pouco virão outras idéas claras d'este e do outro mundo.

— Falou o senhor doutor das duzias! Querias outra vez fazer-me acreditar que o sol está parado e que a terra é que dá voltas á roda da terra? Bem se vê que não vêes. Não viva eu uma hora! Deus me perdoe! A terra não está quieta que nem um rochedo e se não é o sol que anda dia e noite, Não sabes tu mais do que eu, que tenho passado horas esquecidas a olhar para o céu e que conheço toda essa machina por dentro e por fóra. A terra está em baixo toda cheia de ilhasitas, umas maiores, outras mais pequenas. E o sol põe-se ali d'aquelle lado e nasce aqui d'este. E o plácio de Nosso Senhor.

— Creança!
 — E porque não ha de ser como eu digo! Se até parece que chovem benções! Eu não acredito que possa haver pessoas más: não pôde haver-las depois de olharem para aquelle grande olho vermelho, que está sempre a espreitar-nos.

— És supersticiosa, Nela; mas eu saberei desfazer essas trevas.

— A mim nunca me ensinaram nada, respondeu ella ingenuamente, mas eu tanto pensei, que cheguei a tirar de dentro da cabeça muitas cousas que não sei explicar. Mas ha outras que quando digo que são assim, é porque o são. À noite, quando vou para casa sózinha, penso muito o que será de mim quando morrerem, e no muito que a Virgem Santissima nos quer.

— Pensas n'ella, na Santa Mãe de todos nós?
 — Penso. Olho para o céu e julgo vê-la voando por cima da minha cabeça, e sinto a alegria que experimento ao approximar-me de uma pessoa querida. Ella vê-nos de noite e de dia por meio... não te rias... por meio de todas as cousas bellas que ha por esse mundo.

— F essas cousas bellas...
 — São os seus olhos, os olhos com que ella vê. Tivesses tu os teus e comprehenderias isto. Pois quem é que não tem visto uma novena branca, uma arvore, uma flor, a agua corrente, um menino pequenino, o orvalho, um cordeirinho, e a lua quando passa pelo céu, e as estrellas que são os olhares dos bons que morreram?

— Como queres tu que os que morreram subam ao céu se os enterrarem?
 — Ignorante! Cá em baixo estão se limpando dos peccados para depois subarem voando. E lá em cima são esperados por Nossa Senhora. Acredita. Que podem ser as estrellas senão as almas dos que se salvaram? E tu não sabes que as estrellas descem á terra? Pois descem. Tenho-as eu visto cabir, assim, um zigue-zagueas. E' verdade que sim. As estrellas descem á terra quando querem dizer-nos alguma coisa.

— Ah! Nela! Nela! que infantilidades! mas que encantadoras infantilidades essas que tanto a descoberto põem a caudura da tua alma e o poder da tua phantasia. Ha em ti uma grande disposição para conhecer o pouco das cousas... Ouals honrarem cuidado da educação do teu espirito! E' necessario que saibas o que eu nunca saberei. E' necessario que aprendas a ler.

— Eu?! E quem me ha de ensinar?
 — Meu pae. Eu lh'o pedirei. Bem sabes que nunca me recusa. E' triste a ignorancia em que vives! A tua alma tem muitos thesouros de bondades. Deus compartillou contigo tudo que é atributo da sua essencia divina. Advinho-o. Estás-me vedado o mundo exterior, mas vejo de ha muito claramente tudo quanto encerra a tua alma. Conheço-te ha pouco más d'um anno. Parece que foi ha mil annos! E' que ha uma tal unidade entre o teu modo de sentir e o meu!...

O teu cerebro está povoado de mil idéas falsas, e todavia, eu, que alguma cousa conheço do

mundo e da religião, sinto-me commovido ouvindo-te. Dir-se-ia que é a tua voz que vibra dentro do meu proprio ser.

— Louvado seja o Senhor! exclamou Nela, pondo as mãos. Por isso tem alguma cousa que vêr com o que eu sinto!

— Tudo.

— Essa! Pois não sabes que eu estou no mundo para ser o teu cão de cego, e que os meus olhos para nada serviriam senão servissem para te guiar e para te dizer como são as cousas bonitas da terra?

O cego ergueu com vivacidade a cabeça, e, estendendo as mãos até tocar no corpo franzino da rapariga, perguntou com calor e ansiedade:

— E... diz-me, Nela... tu como és?
 Ella não respondeu. Aquella pergunta era uma punhalada.

VII

Valdade feminina

Momentos depois, Nela e o cego seguiram em frente, na direcção da matta que ha para lá de Saldos. Devteram-se entre um mactico de nogueiras antiquissimas, cujas raizes negras rompiam a terra formando como degraus ou commodos assentos estofados de musgo artisticamente tallhados. Do alto da matta corria um arroyo crystallino, sussurrando por entre seixos brancos, até á parte baixa, onde vinha formar uma especie de lago. Era d'esse lago que a gente do povo se abastecia. Por ali abaxo descia a vertente em malinação suave, e para além da cobria-se um panorama encantador de colinas relevosas, salpicadas de tufos de verdura e casinhas brancas. Ao fundo dos vales pastavam os gados.

Limitavam o horizonte recuado duas montanhas, que, a distancia, esfumava, e entre ellas via-se um trecho do mar. Espectaculo delirioso de consoladora serenidade!

Paulo sentava-se n'um tronco carcomido e apoiou-se ao relvado do lagosito, todo inundado dos raios do sol, que furavam as ramadas das arvores.

— Que fazes? perguntou elle a Nela, que se conservava silenciosa. Onde estás?

— Aqui. Estava a olhar para o mar.

— Muito longe? para lá dos carros de Fico-briga.

— E é grande o mar, pois não é? Grande, tão grande, que um dia não chegará para o vêr todo, não é assim?

— D'aqui só se vê um pedacinho, assim, do tamanho d'uma dentada de pão.

— Tudo dizemos que o mar é bello e que nada egual em simplicidade a sua belleza... Ora ouve... Mas que fazes tu?

A rapariguita, lançando as mãos a um tronco de nogueira, suspendera-se e balouçava-se graciosamente.

— Balouço-me, respondeu ella. E balouçando-me, pensava na falta que nos fazem umas azas para voar. Que bom seria uma pessoa dar balanco ao corpo e ir pousar d'um vôo no alto d'aquelle pico, que está além entre Fico-briga e o mar.

— Deus não nos deu azas, mas deu-nos o pensamento, que vós mais que os passaros, porque vós até Elle! De que me serviriam a mim as azas sem o pensamento?

— Eu cá... não se me dava de ter as duas cousas. Até se tivesse azas, pagava em ti a leveza-te por esses mundos fóra e por além, por onde andam as nuvens mais altas.

O cego pôz as mãos na cabeça de Nela.

— Senta-te aqui ao pé de mim. Não estás fatigada?

— Pouco, respondeu ella, sentando-se e encostando a cabeça, com infantil confiança, ao hombro de Paulo.

— Está cansada, estás. Tens a respiração ofegante! Isso é de voar tanto, doida! Ora ouve o que eu li dizer te. Fallando do mar, lembrei-me de que meu pae me li ainda hontem á noite. Desde rapazição, habitou-me elle a ouvir lívros de sciencia, de historia e de litteratura. Meu querido pae! Bem sabe elle que essas historias e estes passos são as unicas destruições da minha vida. Sou cego, mas Deus deu-me em compensação uma memoria feliz, e é á minha memoria que eu devo algum proveito d'essas leituras, sem methodo é verdade, mas que pouco a pouco concorreram para coordenar as idéas que me illuminavam o espirito. Que alegrias júnias se sentem, Nela, quando chegamos a con-

prender a ordem admirável do universo, o girar harmonioso dos astros, e dos átomos, e as leis surpreendentes que regem a nossa alma! E como é bella a historia, como verdadeiro de tudo que os homens fizeram em tempo e idos! Afinal ficaram sempre as mesmas maldades e as mesmas loucuras. Tem mais, porém, de certo, com o decorrer dos seculos, mas não attingiram nunca a maxima perfeição que só Deus possui. E as leituras de cousas subtis e profundas que a imaginação mal define, mas que nos encantam quando n'ellas meditamos! Meu pai pôde sempre de parte esses livros, que não comprehendem, como se não fossem conhecidos, mas que tantas vezes me tem deliciado! E elles são tão claros na sua obscuridade, quando escriptos por quem saiba falar-nos com eloquencia! Tratam das causas e dos effeitos, da razão de tudo o que pensamos e do modo como o pensamos, e ensinam a conhecer a essencia de todas as cousas creadas.

Nela, ouvia attentamente, mas sem comprehender. Com a bocca aberta, repetindo mentalmente aquellas palavras enigmaticas, cujo sentido lhe escapava.

Paulo continuou: — Hontem, meu pai leu-me algumas paginas, que tratavam da belleza. Diziam ellas que a belleza é o resplendor da bondade e da verdade. Eram duas paginas.

— Esse livro, disse Nela, dando-se ares de sabedoria, não será como que tem o sr. Centeio e a que chamam... *As mil e não sei quantas notas?*

Não, tanta! Esse fala da belleza em absoluto. Não sabs o que seja a belleza ideal? Não percebe, não. Fica abstrahido, mas que tantas vezes que não se vê, que é intangivel e que os sentidos não descobrem.

Como por exemplo a Virgem Nossa Senhora, interrompeu ella, que a gente não vê com os olhos, nem toca as mãos, porque as imagens da Virgem não são a Virgem, são o seu retrato. Não é assim?

— Não, minha filha. Eu e o pai discutimos. Não estamos de accordo, quando fallamos da forma elle disse-me:

— Desgraçadamente não pôdes apreciar a! Eu sustentei o contrario e affirmei que não havia mais que uma belleza e que essa seria tudo. Nela, mal prestava attenção a estas subtilidades, enfiada como se achava a comprôr um ramo de flores.

— Ora eu, continuou Paulo com calor, tenho de ha muito uma ideia. E sustento-a. Não necessito de olhos para isso. O que eu disse a meu pai foi isto: «Concebo um typo de belleza encantadora, um typo que com certeza encerra todas as perfeições. Como se chama? Meu pai respondeu a fir, e não se lembrou commigo.

— A raparigueta empallidescer e não soube que respondeu. Ansiosa e aterrada, chegou a julgar que o cego a estava examinando com os seus olhos sem luz.

— Tu és a ultima palavra da belleza, Nela! Pois era lá possível que a tua belleza não estivesse em harmonia com a tua bondade, com a tua innocencia, com a tua graça, com a tua imaginação, e com a tua alma caritativa e boa, a que tantas alegrias devem os meus tristissimos? Oh! Nela! Nela! Pois não é verdade que és formosa?

Nem uma palavra em resposta. Nela, instinctivamente, levava as mãos á cabeça, encostando n'ellas as flores, que a pouco antes colheira.

— Não dizes nada? perguntou Paulo. E modesta e essa modestia duplica o teu valor. Se não fosses modesta não haveria logica na tua formosura... Não dizes nada?

— Eu... murmurou ella timidamente. Não sei. Dizem... em pequenina... era bonita. Hoje... — E hoje tambem o és.

— Hoje repetiu ella a medo, hoje... Ora! dizem-se tantas coisas! Todos se enganam, e os que tem melhor vista são os que ás vezes menos vêem.

— Bravo, Nela! Vem cá! deixa-me abraçar-te. Nela que fazia adas flores uma grinalda com seu enfeitado, ou vez de se acercar do cego, sentiu desejos de vê-lo e effeito d'esse atavio chegou o momento da primeira vaidade, n'um impulso irresistivel, inclinou-se sobre o lago.

— Que fazes?

— Estou a vêr-me na agua que está como um espelho, respondeu Nela com ingenuidade.

— Para quê, se tu és linda como os anjos? exclamou Paulo com entusiasmo.

— Ih! já se poz a agua a tremor... exatamente como eu... Espera... Socorreu... Agora vejo-me muito bem... —

— E o espelho diz-te que és linda, não é verdade?

— Linda, eu! fez ella toda confusão e enleio. Verdade, verdade, a que eu vejo ali em baixo não é tão boa como dizem. Sempre ha gente que não sabe vêr as coisas! Se eu trajasse como a tua se...

Havia orgulho n'estas palavras.

— Prometto-te que has-de vestir-te como ellas.

— E... interrompeu ella, e... esse livro diz que eu sou bonita?

— Sou eu que o digo, eu que conheço a verdade immutavel! respondeu Paulo, levado pela sua ardorosa phantasia.

— Sim, pôde ser que os homens sejam tão... tão não sei quê, e não comprehendam as coisas como ellas são.

E affastou-se do lago pensativa.

— Todos erram, Nela.

— Bem sei, respondeu ella, intimamente liasonada por phantasias palavras. Porque é que hão-de ter de mim!

— Miseravel condição humana! exclamou Paulo, cuja phantasia o arrastava para o absurdo. A quantos erros nos pôde levar o dom da vista que nos affasta da verdade absoluta! É a verdade absoluta diz-me que és formosa, a mais formosa de todas. Desmentirei o que o usem contra mim, para prestardas a minha gloria. Não. A firme não pôde ser a mascara de Satanar! Doidos! A quantos disparates vos levam os vossos olhos! Vem cá, Nela! Quero estreitar ao coração a tua cabeça querida!

Maria correu a lançar-lhe nos braços.

— Quero-te e com toda a minha alma! exclamou Paulo, prestardas ao paiço.

Nela nada disse. A alegria, uma alegria funda, sufocava-a.

— Quero-te mais do que á minha própria vida, anjo dos céus! exclamou elle. Se me abandonas, morreréi.

Marianela soltou-se-lhe dos braços e ficou-se em pé, vagamente absorta. Levada por uma força irresistivel, acercou-se de novo do lago, para se remir, a vaidosa. Inclinou-se e olhou. A agua reflectiu fielmente todo o seu todo raticinho, os olhos negros, a pelle do rosto salpicada de sardas, o nariz affilado, a cabelleira revolta. Debruçando-se mais, viu o seu busto deprimido desenhado no espelho liquido, e expetando a sensação de um frio de gelar perante esse desenho deploravel. Neste momento, as flores que a enfiavam caíram, e toda a superficie da agua tremeu em arripios, fazendo tremar a sua imagem. A filha da Canela recuou aterrada.

— Meu Deus! murmurou ella. Que feia sou! Que feio! perguntou o cego.

— Nada... Parece-me que é tempo de recolher. E' quasi hora de jantar lá em casa.

— Pois vamos. Hoje has-de jantar em minha casa. Dá cá a mão. Não quero que te separe de mim.

Quando chegaram a casa, D. Francisco Penáguillo achava-se no pateo acompanhado por dois homens. Marianela reconheceu logo o engenheiro das minas de Socartes e a pessoa a quem servira de guia na vespera.

— E' o sr. engenheiro e o irmão, o tal de hontem, disse ella a Paulo. O cego estava sendo alvo da attenção dos tres.

— Tardaste, filho! disse D. Francisco.

E pegando-lhe na mão, apresentou-o ao medico.

— Entremos, meus senhores. Abençoado seja este momento em que os recebo em minha casa! E, voltando-se para Nela, que se conservava affastada e immovel, acrescentou com bondade: — Podes ir, paquena. Meu filho já não torna a sair hoje. Nela não se moveu.

— Se queres, passa pela cozinha, disse elle. A Dorothea que te dê alguma coisa.

VIII

Presentimentos

No dia seguinte Paulo e Marianela saíram quasi á mesma hora da vespera, mas o passeio devia ser curto, porque o céu mostrava-se carruado, ameaçando temporal. Os dois atravessaram o valle de Aldecorba e seguiram ao longo do grande talude das minas do lado do poente, em direcção á parte baixa das escavações.

— Vou contar-te uma coisa que te fará pular de alegria, disse Paulo momentos depois de partirem. Sinto o coração transbordando de prazer, Nela! Parece que o universo, as sciencias, a historia, a philosophia, a natureza e tudo quanto

me ensinaram se baralharam em confusão dentro do meu proprio ser... Um alvoroço Indiscriptivel! Viste aquelles homens, hontem?

— D. Carlos e o irmão? Vi.

— Pois o irmão é um sabio. Andou pela America, onde fez curas maravilhosas. Veio agora visitar o engenheiro. D. Carlos, um muito amigo de meu pai e pedi-lhe para me examinar. E muito delicado e bom! Primeiro esteve falando commigo, interrogando-me e contandome coisas interessantes. Depois apalpu-me as palpebras e por fim disse umas palavras que não percebi: coisas de medicina talvez. Levou-me em seguida a um gabinete para eu ver muito amigo de quem com instrumento. Ouvilhe apenas dizer a meu pai: «Vereamos». E falou em vô barba, para que o não ouvisse. Quando se retiraram disse-me meu pai estas palavras:

— Filho da minha alma! O dia mais alegre da minha vida é este. O homem que d'aqui sahiu é um anjo! Deu-me esperanças, poucas, mas que me encheram de alegria. E' que a esperança parece que mais se apossa de nós quanto mais traça é. Duido e não quero duridar.

E o cego continuou commovido.

— Tinha lagrimas na voz o meu pobre velho... Que fazes, Nela? Onde estás?

— Aqui ao pé de ti.

— Como te sinto estáu, vamos até á Trez-cara, que é sitio abrigado, e depois descemos até ao Barco e á Terrivel. Queres?

— Pois sim, Ah! Nela! Nela! Se Deus me concedesse a ventura de te vêr!... Vêr-te uma hora e cegar de novo... que me importava!

Marianela não pôde conter a alegria, e a alegria ao saber a noticia, e agora meditava com os olhos cravados no chão.

— Tem-se viato tantos milagres! continuou Paulo. A misericordia de Deus tem tantas surpresas, e tantas tem a sua corola! Vêem as grandes alegrias quando menos se espera. Chegam as desgraças quando a felicidade mais duradoura parece.

— Ha-de succeder o que desejas, Paulo, acredita.

— Porque dizes isso?

— Diz-m'o o coração.

— O teu coração... Sim, talvez. As almas escolhidas prevêem, ás vezes, o futuro. Em mim proprio o tenho observado. Muitas vezes, nos meus momentos de concentração, sinto o que uma voz intima, que me segreda coisas incomprehensíveis, que mais tarde se traduzem em factos. Recordo-me então vagamente d'esses acontecimentos ante-senhados.

— Tambem eu, acrescentou Nela. Ainda hontem disseste que me querias muito... Pois bem: no caminho para cá ja eu dizendo: «E' curioso isto! Parece que já o sabia...»

— E' extraordinaria a concordancia das nossas almas, Nela! Unidos pela vontade, só lhes falta um laço para se prenderem de todo. Ha-de chegar esse dia, logo que eu recobre a vista. Dejejo ardentemente vêr, mas para te vêr a ti. Esse desejo é antes a ansia de poder admirar de um modo completamente novo o que me inspirou tanto amor... Nela, tu estas triste...

— Estou, respondeu ella, mas não sei porque. Estou alegre e estou triste, uma coisa e outra ao mesmo tempo. E' talvez do dia que se mostra tão feio... Antes não houvesse dia nunca e fosse noite sempre.

— Porque, egoista? Olha que eu tambem quero saber o que seja a noite e o que seja o dia! Vamos andando.

— O caminho é mau e perigoso. Vem por este lado, Vamos entrar na vespa.

— E' a Trez-cara, não? Essa ladeira escorregadia é a que desce até perder-se na gruta lá do fundo, não é? O que me faz por aí não quero torna a subir. Vamo-nos d'aqui, Nela. Não gosto d'este sitio.

— Não ha perigo. Estamos longe da entrada da covã. E que bonita que ella esta hoje!

Marianela, segurando o seu companheiro pelo braço, olhava para a entrada da caverna que se abria no alto da montanha. Era um enorme bloco de pedra, tubulongo, cercado de silvas, mollas de junco, tubulongo salpicado de florinhas silvestres. Parcia uma lingua distendida. Perto adivinhava-se uma crevadade occulta por montões de hervagedes espessas, como as que D. Quichote se viu forçado a cortar quando caiu na covã de Montesinos. Marianela não se cansava de contemplar aquelle panorama.

(Continua.)

Este magnifico hotel, situado no melhor lugar das Caldas do Geréz, e construido de proposito para o fim a que se dedica possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GERÉZ:

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA:

Casa dos Oito Globos

Rua Augusta, 286



BRASIL-PORTUGAL
REVISTA QUINZENA ILLUSTRADA
Grande reduçãõ no preço da assignatura

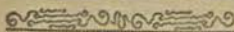
LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.^a

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brinde. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova de Almada, 47 e 49—LISBOA.

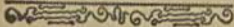


HOTEL DURAND

English Hotel—Lisboa

V. Rua das Flores—Largo do Quinteirão

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.



LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.000.000.000 Rs.

Rs. 600.000.000 REIS

De alustros pagos desde 1964 até 1995

PAGOS E RESERVAS 6.000.000.000

Seguros contra incêndio, explisões de gas e furtos

Equipar Atlântico & Vales Maritimos

Companhia Insuradora contra os riscos maritimos e furtos de transporte de qualquer natureza

Directores—Lima Meyer & Filhos
LISBOA—Rua de Praca, 50, 6.^o



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA
MONARCH

Paneas, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade—Cartas, Tentes e Fixas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Sousa

28—Rua Nova de Almada—28

CASA FUNDADA EM 1851.

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.^a—Rua de S. Paulo, 216, 2.^a—LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 825

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypy, zincographia, chromotypy, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos.

Execuçãõ perfeita.

PERNAMBUCO
PENSÃO DERBY

Hotel installado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudaveis de Pernambuco.

60 salas e quartas. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE—ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telephico—DERBY, Calza do estreo n.º 183. O Wind do Derby passa á porta de Foz de.



VICTORIA

O melhor vinho do PORTO

MENÉRES
& Comp.^a

PORTO



Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.^a

Sucessores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.^a

Fundada em 1830, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos de Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrai o Vinho Ventura, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficil, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA



O MAIOR da capital, construído de accordo com o clima do paiz e situado nas faldas do Corcovado.

Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

ALTO DE CARNEIRO

Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edições da Empresa Editora de Arthur da Silva, Rua dos Ouradoiros 72, Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL — C. Cantos — Desde a creação do mundo até á nossa epocha. Tradução por Manoel Bernardes Branco, 13 volumes, in-4.º gr.º, 2.ª edição, com 3.950 pag. e 81 gravuras, br. 8.000
Em encad. leather 15.000
OS ÚLTIMOS TRINTA ANOS, 1848 a 1878. — C. Cantos — Visão pelo visconde de Caillou — in-8.º, com 312 paginas e retrato do autor, br. 500
Em encad. leather os 1/2, inglesa 500
DICIONARIO ENCYCLOPÉDICO OU NOVO DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — H. Joá M. A. A. C. de Lacerda — Dictionnaire de synonymes — Vocabulário da lingua Brasileira, ou Tupy — Vocabulário do dialecto Guarany, 3 vol. in-folio, 5.ª edição, com 2.600 pag. enc. in-4.º 12.000
HISTORIA DAS PERSEGUIÇÕES POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade média até aos nossos dias — Verdades do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., in-8.º, com 1.240 pag. e 11 grav. br. 12.000
Em 1/2, encad. franceza 12.000

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRAZIL) — Sebastião de Rocha Pittas — Desde o anno de 1500 até o de 1714. — Revista e annotada por J. Gomes Gons., in-8.º grande, 2.ª edição de luxo (31 pag. e com 10 grav. e um mapa, broch. 2.000
Em 1/2, encad. franceza 12.000
RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL — Silveira Figue e Visconde de Sanches de Lousa — 2 vol., in-4.º grande, com 1.240 pag., edição de luxo, com tirazões de armas no texto, br. 8.000
Em 1/2, claspin, capa especial 12.000
O ENGENHO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA — D. Miguel de Cervantes Saavedra — Versão do Visconde de Louzã — 2 vol., in-8.º, com 1.131 pag., e 31 grav. broch. 2.000
Em 1/2, encad. franceza 12.000
OS SETE OCEANOS D'AFRICA — Alfredo Sarmiento — Apontamentos de viagem, in-8.º, com 231 pag., e 15 grav., e 11 mappa do Ambriz, br. 300
Em 1/2, encad. franceza 500

VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos J.ºs
Porto



Casa fundada em 1872
H. Pinto Santos Junior & Comp.ª

Premiada com os primeiros premios em todas as exposições.

525252525252525252525252525252

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas, Consultorio de 1.ª ordem á

RUA DO CARMO, 35, 1.º

(CHIADO)

252525252525252525252525252525

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

2080 (Rua de St.º Antonio / Rua 54 de Dandetta, 20)

Estabelecimento dentro do mesmo prédio: Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congêneros do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis

ao vestuario e uso domestico

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34. R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CAÇILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

TYPOGRAPHIA DA PAPELARIA

Estevão Nunes & Filhos

RUA DO OURO, 58. LISBOA

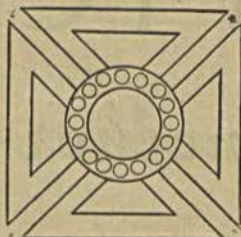
Trabalhos typographicos em todos os generos maxima perfeição e rapidez

Fabrica S. Gonçalo

E. DE ANDRADE & C.ª

Chumbo

de
caça



Chumbo

de
caça

QUALIDADE SUPERIOR

Dureza
Perfeição
Egualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735

Ender. telegr. SATURNO — RIO

18, R. de S. Pedro, 18

RIO DE JANEIRO

ALMANACH ILLUSTRADO

DO
Brasil-Portugal

Está á venda em todas as livrarias e agencias o ALMANACH ILLUSTRADO DO BRASIL-PORTUGAL para 1901.

EM PREPARAÇÃO:

O ALMANACH PARA 1902

Acceptam-se desde já annuncios

BRASIL-PORTUGAL

Revista litteraria illustrada, quinzenal

Litteratura, sciencia, viagens, modas, chromos, a côres, etc.

Consideravel redução no preço da assignatura
Outras vantagens aos assignantes

Rua do Carmo, 15, 1.º

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeções

Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Comissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portugueses

ENDER. TELEGR. 'AIDA'

C. do Correo 312

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geraes e do Estado, terrenos, açoes de Bancos e Companhias, Cambios, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commercias, particulares e em sua agencia

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 340

COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGURAS MARITIMAS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA Dr. Mancel Gomes Matta
Joaquim Dias Fernandes
Luiz Duprat

SÊDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

de
Londres, 1862; Boston, 1876 e Paris, 1874 e 1878

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos

REGISTRADA

FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERCIO Os vinhos com o nome de minha casa não devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, espulas, roilhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

Á VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR—Porto

Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

Soberano depurativo do sangue

Aprovada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças originarias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, reumatismo, gotta, canceros, escrophulas, tumores, boubas, ulceras de mau caracter no collo do utero e garganta, inchação nas pernas, molestias da pelle, empigens, dartros, escoriações, granulações no rosto, vegetações e blephorragias agudas ou chronicas, dores steocopas e neuralgias, inflammações visceraes de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determinadas por saturação mercurial.

A SALSAL TAYUYÁ E MURURÉ

Demanda muito pouco resguardo e pôde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupações; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogeria Beirão

DE

Carvalho Leite & C.ª

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ



CESAR A. PAIVA

CIRURGIAO DENTISTA

E

SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.ª

LISBOA

Livros modernos PEREIRA & SILVA

PARA — R. Cons.º João Alfredo, 28

Letura amena

Sortimento completo de livros de

litteratura, direito, instrucção, etc.

VANTAGENS DE RECEPTIMOS

Preços sem competencia.

Endereço telegraphico Moderna.

CANDIEIROS

+ Em todos os generos +

Ganallações para agua e gaz

Tubos de chumbo,
borracha, lona, latão e ferro.
Louça de ferro esmaltado.
Retretes de varios systemas
Objectos
proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA

25252525252525+25252525252525

V.ª WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegraphias

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM 111, 1.

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILUSTRADA

Acta-se publicada o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 22\$000 réis, enc. 40\$000 réis. Assinatura permanente. — Publicação de uma caderneta mensal ao preço de 2\$500 réis franco de porte.

EDITORES: **LEMONS & C.ª** successores

Largo de S. Domingos, 63. — PORTO

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.ª — Rua da Quitanda, 38

Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE GOYAZ

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Leite da Escola Medico-Cirurgica da Porto

Com a collaboraço effectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Casqueira, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Mala, Firmo Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filinto, dr. João Palva, Joaquim A. Cambezi, José Casidido Correia, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queiroz, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

Agencia Financial DE PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concehlos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

JOÃO BASTOS & C.ª

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.ª

I. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42 — Caixa Postal n.º 487 — BRASIL — PARA

Completo sortimento de artigos para scriptorio, papelerias, livros em bruno, chapéus, barbaletas, cordas para violão. Escovas. Outras de uso. Botes de feltro, perfumarias, lã, queros. Camisa de viagem, bilacinos, artigos para viagens.

GRAND BAYON DE MEUKERAS

O sistema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA —

O 92 da Rua Nova do Almada

tem sempre grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em todas as qualidades, assim como bengalas, leques, perfumarias e artigos de novidade. Esta casa é a primeira no seu genero em servir bem e por pouco dinheiro. Nenhum viajante deixe visitar esta casa.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestitos hypothecarios: em obrigacões predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Emprestitos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos accionista-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2, 4 e 5 %, ao prazo de 3 meses: 3 1/2, a 6 e 4 %, ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.